

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO
CURSO PSICOLOGIA

FERNANDA LEITE ARAÚJO

PESSOAS QUE SAÍRAM DA TORRE: A construção do eu e de um lugar no mundo
diante do rompimento religioso em dissidentes das Testemunhas de Jeová

São Luís

2025

FERNANDA LEITE ARAÚJO

PESSOAS QUE SAÍRAM DA TORRE: A construção do eu e de um lugar no mundo
diante do rompimento religioso em dissidentes das Testemunhas de Jeová

Monografia apresentada ao Curso de
Psicologia do Centro Universitário
Unidade de Ensino Superior Dom Bosco
como requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel em Psicologia.
Orientadora: Profa. Ma. Lidiane Verônica
Collares da Silva.

São Luís

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Centro Universitário – UNDB / Biblioteca

Araújo, Fernanda Leite

Pessoas que saíram da torre: a construção do eu e de um lugar no mundo diante do rompimento religioso em dissidentes das testemunhas de Jeová. / Fernanda Leite Araújo. __ São Luís, 2025. 103 f.

Orientador: Profa. Ma. Lidianne Verônica Collares da Silva.
Monografia (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia – Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB, 2025.

1. Ex-testemunhas de Jeová. 2. Ostracismo religioso.
3. Dissidência. 4. Psicossocial. 5. Identidade. I. Título.

CDU 159.9:616.89.274

FERNANDA LEITE ARAÚJO

PESSOAS QUE SAÍRAM DA TORRE: A construção do eu e de um lugar no mundo
diante do rompimento religioso em dissidentes das Testemunhas de Jeová

Monografia apresentada ao Curso de
Psicologia do Centro Universitário
Unidade de Ensino Superior Dom Bosco
como requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Ma. Lidiane Verônica Collares da Silva (Orientadora)

Mestrado em Psicologia (UFMA)

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Me. Márcio Clayton da Silva Costa

Mestrado em Psicologia (UFMA)

Ministério Público do Maranhão (MPMA)

Prof. Ma. Maria Emília Miranda Alvares

Mestrado em Psicologia (UFMA)

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Aos que corajosamente
ousaram enfrentar desafios
com o coração aberto em nome
da liberdade, que se permitiram
viver com autenticidade e que,
ao se abrirem ao mundo,
encontraram a si mesmos.

AGRADECIMENTOS

Como já disse Guimarães Rosa em *O grande sertão: veredas* - “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. Hoje, olho para o longo trajeto percorrido até aqui e me encanto com a travessia, não pelas flores à beira do caminho, mas pela presença de quem caminhou comigo, aos quais expresso a minha mais profunda gratidão:

Inicialmente à minha mãe, Maria de Jesus, mulher simples e de pouco estudo, mas que me deu tudo do pouco que tinha ao me alfabetizar em casa, colocando assim nas minhas mãos a chave para o mundo da leitura, que eu viria explorar mais tarde com tanto fascínio. Essa mesma mulher, por fina insistência, convenceu meu pai a construir uma casa na cidade para que eu e minha irmã pudéssemos estudar. Os tijolos literalmente carregados por ela, meu pai, minha irmã e por mim, se tornaram a base de uma casa e de uma nova vida.

Ao meu pai, Francisco Araújo, por ter ouvido a minha mãe. E por colocar músicas antigas nesse trajeto, por me ensinar a observar a natureza com encanto e veneração enquanto contava boas histórias.

À minha irmã, Fabiana Araújo, que nesse percurso sempre foi a minha melhor amiga, confidente, incentivadora e guia. Pelo seu exemplo perseverante e corajoso, me ensinou a não desistir, a ver outros caminhos e a me abrir para eles. Em momentos difíceis, fomos só nós duas contra o mundo, mas a certeza do seu apoio sempre me fortaleceu. Obrigada por contribuir com este trabalho, pelas críticas, os incentivos e por me dar um sobrinho lindo, o que me fez produzir tudo mais rápido para encontrar tempo para amar e cuidar dessa nova vida.

Ao meu cunhado Anderson Vinícius que de forma bem-humorada sempre trouxe incentivo aos meus projetos.

Ao meu amor, Júlio Cesar, mais que um parceiro é o meu porto seguro. Foi meu apoiador e cúmplice em cada passo dessa jornada. Aquela pessoa que segurou a minha mão e embarcou comigo em cada sonho, cada desafio e comemorou cada pequena conquista. Sei que de alguma forma eu chegaria até aqui, mas o apoio de um companheiro tão presente e amoroso fez toda a diferença, a cumplicidade foi abrigo e o apoio foi impulso, tornando tudo mais leve e feliz.

À professora Maria Emília Alvares, que além de ser uma professora pela qual eu tenho muita admiração, especialmente pela forma leve como explora temas

complexos. Foi a minha primeira supervisora de estágio, e com ela dei os primeiros passos nos processos de observação. A sua contribuição com certeza se refletiu neste trabalho. E a sua presença na banca examinadora é, para mim, motivo de muita alegria e honra.

À Professora Lidiane Collares, que me orientou quanto a este trabalho e foi minha supervisora por três ricos períodos de estágio voltados para os processos de trabalho da psicologia clínica, suas lições, para além do produtivo aprendizado acadêmico, estão no seu exemplo de conduta profissional, na sua acessibilidade e comprometimento. Falar de Lidiane Collares é falar de uma personalidade tão autêntica que “Lidiane” soa quase como um adjetivo, sinônimo de inteligência, leveza e bom humor. Antes, eu não compreendia bem o que a tornava tão querida por seus discentes, hoje com uma aproximação, entendo que quando você fala, há alguém que, do outro lado do muro acadêmico, vai te escutar com empatia e verdade. E essa abertura foi fundamental para eu conseguir expor minhas ideias, para que conseguíssemos construir este trabalho.

Ao Márcio Clayton Costa, meu supervisor por dois anos em estágio não obrigatório em psicologia jurídica, no Ministério Público do Maranhão (MPMA), uma experiência academicamente marcante, principalmente pela oportunidade de conviver com esse profissional que tanto aprendi a admirar, não só pelo domínio do conhecimento teórico e técnico, mas pela dedicação que coloca no que faz, na visão crítica, na escuta apurada e zelo com princípios éticos. Esse mesmo zelo era voltado para o meu ensino, não poupando tempo, palavras e nem o bom humor. Como estagiária, me senti valorizada e contei com a sua dedicação ao me ensinar a ouvir, analisar as demandas e a aprimorar o processo de escrita. Recebi também o privilégio de sua presença na minha banca examinadora, o que agradeço muito.

Ao programa Universidade para Todos (Prouni), que permite que pessoas como eu consigam chegar a lugares antes inimagináveis e aprender a sonhar com um futuro melhor. Pois recordo exatamente a minha primeira visita à capital, São Luís, quando ao passar de ônibus em frente ao prédio da UNDB, achei a fachada bonita e comentei com minha tia, ela logo respondeu que ali era o local onde estudavam os filhos dos ricos. Nem nos meus melhores sonhos eu imaginaria que anos mais tarde eu também estaria estudando ali.

À uma moça que não conheço e cujo nome não sei, mas que, generosamente, se dispôs a trazer os meus documentos para que eu pudesse

ingressar no Prouni - vinda da minha cidade no interior do Maranhão. Seu gesto teve um impacto positivo na minha trajetória, e sempre terá a minha gratidão.

À minha gata, Capitu com seus “olhos de ressaca”, companheira fiel que esteve, literalmente, ao meu lado durante toda a escrita deste trabalho. A sua presença silenciosa e carinhosa me confortaram nos momentos de estresse.

A cada uma das pessoas que passaram por mim nos seis períodos de estágio obrigatório e nos dois anos de não-obrigatório e tanto contribuíram para a minha formação. São muitos rostos, muitas histórias e inúmeros ensinamentos, que só são possíveis através do encontro com o outro. Como canta Raul Seixas: “cada um de nós é um universo”, e olhar abertamente para cada um desses universos, com sua vastidão e diversidade, se constituiu uma experiência marcante, que permitiu ampliar significativamente os meus horizontes.

Por fim, e não menos importante, quero agradecer a cada um dos participantes que se propuseram a responder a pesquisa que fundamentou este trabalho. Por questões éticas, não posso mencionar nomes, mas além da visibilidade que as falas de cada um trouxe sobre o tema estudado, foram contribuições profundas, expressivas e genuínas. As respostas resultaram em textos tão ricos, carregados de experiências tão únicas e impactantes, que tive receio de me reduzi-los - de sintetizar relatos que mereciam ser lidos na íntegra. Por isso, optei por expor tais relatos da forma como chegaram até as minhas mãos, colocando-os na vitrine do texto, como uma composição viva que permite transitar por histórias tão semelhantes, mas ao mesmo tempo repletas de sentidos singulares. Fica aqui o meu sincero agradecimento pela generosa partilha e pela confiança depositada no meu trabalho.

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”
(Jung, 1996, p. 43).

RESUMO

Diante do caráter de fechamento apresentado pelo grupo Testemunhas de Jeová, em vários contextos, como social e cultural, o presente trabalho discorreu sobre a desfiliação religiosa. Partiu-se do objetivo geral de compreender os impactos psicossociais do rompimento com as crenças religiosas e com o grupo. E teve como objetivos secundários, descrever as principais crenças e suas implicações na vida dos seus membros; explorar os fatores que levam ao rompimento com o grupo; examinar os impactos sociais e emocionais decorrentes do afastamento e analisar as estratégias utilizadas pelos ex-membros para reorganizar suas vidas após o rompimento. Esta é uma pesquisa de campo, quantitativa e qualitativa, empregou-se a análise de conteúdo nas respostas obtidas por meio de um questionário, aplicado a dez ex-membros da religião, em sete diferentes estados do Brasil. Como resultado, encontrou-se a internalização das regras com repercussão sobre a identidade e imposição de barreiras ao externo. De modo que a saída do grupo foi marcada pelo ostracismo, fragilização de vínculos próximos, conflitos internos, culpa, isolamento social e dificuldades de interação, o que agravou transtornos mentais ou favoreceu o seu surgimento. Observou-se diferentes formas de enfrentamento, como a busca por apoio psicológico, inserção em novos grupos sociais e o resgate de aspectos identitários reprimidos. Portanto, houve um processo de reconstrução, com a reformulação da identidade e da visão de mundo.

Palavras-chave: Ex-Testemunhas de Jeová, Ostracismo religioso, Dissidência, Psicossocial, Identidade.

ABSTRACT

Given the closed nature of the Jehovah's Witnesses group in various contexts, such as social and cultural, this study discussed religious disaffiliation. The general objective was to understand the psychosocial impacts of breaking away from religious beliefs and the group. The secondary objectives were to describe the main beliefs and their implications for the lives of its members; to explore the factors that lead to breaking away from the group; to examine the social and emotional impacts resulting from the separation; and to analyze the strategies used by former members to reorganize their lives after the break. This is a quantitative and qualitative field study, using content analysis on the responses obtained through a questionnaire administered to ten former members of the religion in seven different states of Brazil. As a result, the internalization of rules was found with repercussions on identity and the imposition of barriers to external relations. Thus, leaving the group was marked by ostracism, weakening of close bonds, internal conflicts, guilt, social isolation and difficulties in interaction, which aggravated mental disorders or favored their emergence. Different forms of coping were observed, such as seeking psychological support, joining new social groups and recovering repressed identity aspects. Therefore, there was a process of reconstruction, with the reformulation of identity and worldview.

Keywords: Former Jehovah's Witnesses, Religious ostracism, Dissidence, Psychosocial, Identity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, QUEM SÃO?	18
2.1 Sociedade Torre de vigia de Bíblias e Tratados	18
2.2 Crenças centrais das Testemunhas de Jeová	19
2.3 O grupo e sua dinâmica.....	23
3 A DISSIDÊNCIA.....	27
3.1 O rompimento do elo grupal	27
3.2 Dissidência e ostracismo	31
3.3 O eu no mundo	34
4 METODOLOGIA	38
4.1 Tipo de pesquisa	38
4.2 Participantes e local do estudo.....	38
4.3 Coleta de dados.....	39
4.4 Análise dos dados.....	40
4.5 Aspectos éticos	41
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	43
5.1 Vivências no grupo e as manifestações de internalização das crenças e regras	47
5.2 Impactos do afastamento sobre a construção da identidade psicossocial	52
5.3 Estratégias de enfrentamento	65
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICES	82
APÊNDICE A – Questionário para estudo de impactos psicossociais em dissidentes das Testemunhas de Jeová	82

ANEXOS	90
ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP	90

1 INTRODUÇÃO

A denominação religiosa conhecida como Testemunhas de Jeová alcança pessoas a nível global e está presente em 240 países e territórios, com um total de 118.767 congregações, somando um quantitativo de 9.043.460 membros, segundo dados do site oficial da própria religião (Org, 2025). As características principais da religião que a tornam conhecida são a pregação de casa em casa (Dias, 2019) e a recusa de seus adeptos de receberem transfusões de sangue nos tratamentos de saúde (Félix *et al.*, 2022).

Considerando o vultoso número de fiéis, já citado anteriormente, distribuídos por todo o globo, é comum, assim como em outras denominações, o abandono da prática religiosa. Nesse sentido, em consulta ao site oficial da religião, JW.org (2025), foram encontrados apenas os dados gerais acerca dos números atualizados da religião, sem expor a quantidade de adeptos que a abandonaram. Tais pessoas ainda que não sejam mencionadas quantitativamente, manifestam a sua existência ao serem objeto de discursos e orientações diretas sobre como devem ser tratadas pelo grupo. E a orientação é clara, “[...] qualquer pessoa que ‘não permanece nos ensinamentos do Cristo’, [...]. Não o recebam na sua casa, nem o cumprimentem. Pois quem o cumprimenta participa das suas obras más” (Sociedade Torre de Vigia de Bíblia e Tratados, 2016, p. 207).

Os impactos desse tratamento podem ser sentidos não apenas no aspecto religioso. Tendo em vista que, com o grupo se estabeleceu relações por anos a fio, em detrimento das relações sociais externas ao grupo, como por exemplo, com familiares, vizinhos, colegas de escola, de trabalho e outros, por não serem consideradas boas companhias, e, conseqüentemente, representarem risco de rompimento da manutenção da conduta priorizada pela religião. A convivência e relações próximas, inclusive nos relacionamentos amorosos, devem se dar apenas com quem compartilha a “mesma fé”, a orientação dada aos membros é se manter “separados do sistema perverso em que vivemos” e usar a ampla rede religiosa como forma de criar conexões, rejeitando “entretenimento impuro” e as “más associações” que “estragam hábitos úteis”, ou seja, o que é externo ao grupo. Após o rompimento, os familiares, amigos e conhecidos que permanecem na religião mantêm com o dissidente uma relação que se resume ao “estritamente necessário” (Mantenha-se [...], 2016, p. 24 - 28). De modo que romper com o grupo e com os

familiares que permaneceram nele, não ocorre sem repercussões para o sujeito que se encontrava restrito a tais laços e formas específicas de interação.

Recentemente, é possível pontuar algumas mudanças nas diretrizes da organização religiosa, a nível mundial, expostas na revista *A Sentinela*, edição utilizada para estudo pelas Testemunhas de Jeová. Adotou-se a denominação *removidos* para os desassociados. O tratamento dispensado pela congregação foi colocado como de responsabilidade individual dos membros, de acordo com a consciência e princípios aprendidos. Pontua-se que a pessoa pode “[...]decidir se vai convidar alguém que foi removido da congregação para assistir a uma reunião [...]”. O cumprimento de boas-vindas às reuniões congregacionais também é facultativo, o que antes não ocorria, mas segue o alerta, “[...] Claro que isso não inclui ter longas conversas ou se socializar com essa pessoa.” No entanto, o texto se restringe a falar dessa abertura nos momentos de atividade religiosa (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2024, p. 27).

Segundo essa nova diretriz, no caso de o ex-membro demonstrar ideias e/ou conduta contrárias aos preceitos religiosos, tais interações estão suspensas, podendo ser visitados apenas pelos líderes numa tentativa de convencimento de retorno “[...] ainda existe esperança que ela se arrependa e mude de atitude. Mas, até isso acontecer, não vamos cumprimentar essa pessoa nem convidá-la para assistir às reuniões.” (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2024, p. 31).

Logo, há um padrão de ruptura, resultando em posturas mais fortes e inflexíveis, principalmente, antes das recentes mudanças das orientações da religião sobre o tratamento dispensado aos ex-membros. O que aponta, para além da quebra das relações afetivas e dos padrões de convivência, às possíveis consequências sofridas mediante o tratamento recebido até então. Assim como os impactos do rompimento com a forma de organização que configurava a vida, as crenças, valores, ações e decisões, a partir da base religiosa. Havia uma forte identidade ligada a um modo que estruturava a dinâmica existencial e uma certa segurança, até então, pela disposição de material impresso, pelo acesso à pessoas que poderiam fornecer respostas prontas a qualquer questão da vida e regras claras sobre o que fazer em cada situação (Silva, 2010).

Considerando-se que os grupos constituem um fenômeno fundamental na vida social dos indivíduos (Torres; Camino; Silva, 2023), pensar o processo de rompimento, a forma como ocorre, nesse grupo religioso especificamente, é

considerar que o sujeito que vivencia esse fenômeno faz a passagem de um lugar onde ele estava alicerçado pela segurança do grupo e das crenças para adentrar em um mundo a ser explorado. Um mundo até então, concebido religiosamente como um lugar apartado de Deus, sem virtude e hostil a quem quer se manter próximo dele. Nesse ponto, a identidade antes dada em função do grupo já não corresponde mais ao novo modo de vida fora da religião, podendo gerar diversos conflitos (Barra, 2008). Diante do contexto apresentado, este estudo tem como questão-problema: Quais os impactos psicossociais do rompimento com as crenças religiosas e com o grupo, na vida de ex-membros das Testemunhas de Jeová?

Assim, algumas hipóteses são passíveis de análise : hipótese 1 – as regras bem definidas e amplamente difundidas, apresentadas gradativamente, colocam as pessoas como guardiãs de sua própria fé e da dos demais. Isso constitui um forte mecanismo de controle mútuo. Estar fora desse controle, e de controlar, é estar apartado do que é conhecido, aprendido e internalizado. Hipótese 2 – A vivência das normas da religião não é compatível com o modo de vida próprio da cultura na qual ela se insere, se constituindo como um fechamento e alienação de muitas questões importantes socialmente e culturalmente. De modo que, há uma forte identidade religiosa e o rompimento com um regramento tão acirrado e adoção de uma nova forma de vida, diferente de tais valores, repercute sobre a construção mais própria do indivíduo. E hipótese 3 – O rompimento com a religião é também o rompimento com os laços constituídos, inclusive com restrições aos familiares, e abertura para novas possibilidades de ingressos em outros grupos e isso atravessa a sua visão social, espiritual e de si próprio.

O trabalho tem como objetivo geral compreender os impactos psicossociais do rompimento com as crenças religiosas e com o grupo, na vida de ex-membros das Testemunhas de Jeová. A partir de objetivos secundários, como descrever as principais crenças das Testemunhas de Jeová e suas implicações na vida dos seus membros; explorando os fatores que levam ao rompimento com o grupo; examinando os impactos sociais e emocionais decorrentes do afastamento; e analisando as estratégias utilizadas pelos ex-membros para reorganizar suas vidas após o rompimento com o grupo.

O tema em pauta foi pensado a partir de uma vivência pessoal da autora na religião em questão, durante um período de quase 10 anos. A imersão nesse contexto deu-se de forma totalmente devocional com participação ativa em viagens,

pregações de casa em casa, estudos diários dos materiais fornecidos pela religião e de uma série de outras atividades voluntárias, de maneira integral. A religião passou a ser mais do que uma parte significativa da vida, constituindo-se como identidade. Os contornos entre religião e demais instâncias da vida pessoal, familiar e social foram gradativamente dissolvidos, a religião permeou diversos aspectos da existência, tornando-se, por si só um modo de vida. No entanto, tal experiência não se deu de forma acrítica, a vivência e o estudo abriram espaço para uma visão mais holística da organização, abrangendo seus aspectos políticos, sociais e os mecanismos de controle presentes.

Uma vez observados de perto esses aspectos mais intrínsecos e a contradição entre certos preceitos, a experiência no grupo se encerrou. E dado o afastamento, com o consequente ostracismo por parte dos membros, os impactos da retomada da vida fora do ambiente familiar da religião tornaram-se evidentes. Diante disso, muitas outras questões emergiram, de modo que o presente trabalho foi concebido como uma forma de dar visibilidade a tais questões a partir de conceitos psicológicos.

O tema percorrido nasce de uma questão pessoal, porém, é uma experiência comum a muitas outras pessoas, considerando que a religião Testemunhas de Jeová é conhecida e difundida mundialmente e seus ensinamentos marcam uma forte identidade entre os seus membros.

O intenso apelo exercido pelas lideranças do grupo para que a religião seja encarada como um modo de vida, restringindo amizades e relacionamentos amorosos ao âmbito organizacional, incentivando o não convívio com aqueles que saem do grupo, não participando de festividades próprias da cultura ou feriados. Bem como a dedicação da maior parte do tempo a leituras e atividades religiosas, coloca os membros numa particularidade de mundo em detrimento do social e cultural, aspectos que geram isolamento. De modo que, quando ocorre esse rompimento encontram-se dificuldades decorrentes da (re)entrada nesses espaços e até no entendimento da própria identidade.

Pode haver, de forma geral, um luto pelo rompimento de vínculos próximos e significativos. E tal sofrimento é invisibilizado socialmente, pela ignorância acerca de como se constitui essa realidade. Vivências que podem se apresentar nos settings terapêuticos. Assim, o presente trabalho, pretende trazer visibilidade ao tema.

A busca pelos efeitos desse rompimento na literatura não apontou resultados específicos sobre as questões levantadas. Assim, o presente estudo mostra-se relevante por contribuir para uma maior visibilidade de aspectos pouco conhecidos dessa experiência, a partir dos relatos de quem as vivenciou, ofertando um conhecimento pouco presente, até o momento, no meio acadêmico.

Portanto, o trabalho desenvolvido não tem como objetivo esgotar o tema; pelo contrário, busca contribuir para retirá-lo do senso comum e apresentar uma análise fundamentada em uma pesquisa de campo com abordagem quantitativa e qualitativa. Foram aplicados questionários a dez ex-membros, de diferentes regiões do Brasil, os quais relataram por escrito suas experiências na religião. Para a análise dos dados obtidos, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, com base na construção de eixos temáticos. A intenção é evidenciar realidades pouco conhecidas, frequentemente silenciadas nas vivências cotidianas. Este estudo pode, ainda, servir como fonte para futuras pesquisas daqueles que se interessem pelo tema.

Para uma melhor compreensão da temática abordada, o presente trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro introduz o assunto, apresentando um panorama geral da problemática estudada. O segundo aborda o grupo religioso Testemunhas de Jeová, suas principais crenças e seu posicionamento diante da cultura, da sociedade e de outros grupos religiosos, evidenciando as exigências impostas aos seus membros. O Terceiro explora os processos de dissidência: como ocorrem, como são encarados pelo grupo e as possíveis consequências para o ex-membro.

2 TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, QUEM SÃO?

A organização religiosa das Testemunhas de Jeová teve início com Charles Taze Russell, nascido em 1852 em Pittsburgh, Pensilvânia, nos EUA. Aos 18 anos Russell iniciou um pequeno grupo com o intuito de estudar a Bíblia no ano de 1879 (Herter, 2023). Segundo Bastos (2014), antes da fundação do grupo, o fundador participou da Igreja Presbiteriana, posteriormente, reflexos dessa influência puderam ser percebidos no conjunto de crenças do pequeno grupo fundado por ele, como as profecias milenaristas¹ a respeito de Cristo.

As novas ideias e interpretações adotadas por Russell e seu grupo acerca das escrituras foram bem aceitas e começaram a difundir-se. Inicialmente, ele publicava na revista O Arauto da Manhã. Mais tarde, no ano de 1884, juntou-se ao fundador da revista e esta passou a chamar-se A Sentinela Anuncia o Reino de Jeová (Herter, 2023). Atualmente, a revista A Sentinela é publicada em mais de 190 idiomas, com uma tiragem acima de 42 milhões de exemplares por edição. Os números também são altos quando se considera outras publicações do grupo (A Sentinela [...], 2025).

2.1 Sociedade Torre de vigia de Bíblias e Tratados

Segundo Dias (2019, p.19), “Mesmo sendo um grupo dissidente do protestantismo, as Testemunhas de Jeová conservam o princípio doutrinário do sacerdócio universal, um dos princípios da Reforma Protestante”. Herter (2023, p. 97) acrescenta que a organização religiosa de origem americana, ficou conhecida como “Zion's Watch Tower Tract Society (Sociedade de Tratados da Torre de Vigia de Sião)” e, posteriormente, como “Watch Tower Bible and Tract Society (Sociedade Bíblica Torre de Vigia)”.

Hoje, o grupo é juridicamente conhecido como Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, mas a denominação religiosa autointitula-se Testemunhas de Jeová, nome pelo qual são conhecidas desde 1872, período de grande expansão de grupos milenaristas nos Estados Unidos (Bastos, 2014). Herter (2023, p. 98), pontua ainda que antes de chegar a essa denominação, outros nomes foram adotados pela

¹ Crença numa segunda vinda de Cristo à terra resultando em um reinado de paz e felicidade por 1000 anos. Veja o quadro 1 com as principais crenças das Testemunhas de Jeová.

religião, como “Russelismo, Alvorecer, Aurora do Milênio, Estudantes da Bíblia e Torre de Vigia”. Sendo a denominação Testemunhas de Jeová adotada após a morte de Russel (Bastos, 2014).

Em um contexto de primeira guerra mundial, as crenças defendidas por Russel e seus seguidores foram bem aceitas nos Estados Unidos. Com o crescimento do grupo, os ensinamentos se disseminaram pela Europa e Oriente Médio através de conferências. Ao retornar de uma dessas conferências, Russel faleceu em um acidente de trem, em 1916. Após o ocorrido, Joseph Rutherford assumiu a presidência da associação, resultando em diversas transformações (Bastos, 2014). Os diretores do grupo iniciado na Pensilvânia constituíram o que mais tarde seria conhecido como Corpo Governante das Testemunhas de Jeová e coordenariam filiais espalhadas por todo o mundo (Dias, 2019).

No presente momento, a religião conta com 118.767 congregações, distribuídas em 240 países, somando um total de 84 filiais (Relatório [...], 2024). A sede da religião localiza-se em Nova York, EUA. As filiais recebem o nome de Betel – ou casa de Deus. No Brasil, a filial localiza-se em Cesário Lange, São Paulo, onde um corpo de voluntários residem e desempenham diversas atividades em apoio à obra de pregação, como a tradução e impressão de publicações enviadas pela sede (Dias, 2024). Ainda em relação ao Brasil, no ano de 2024 somou-se um quantitativo de 926.480 membros, distribuídos em 12.704 congregações por todo o país (Relatório [...], 2024).

Assim, apesar da origem americana e marcas próprias dessa cultura, o corpo governante da associação conseguiu expandir a sua obra para outros continentes e formar novos grupos, que propõem-se a manter a homogeneidade como um grupo mundial. Isso é realizado por meio da preservação de uma ordem internamente estabelecida sustentada por significados e práticas instituídas pela cúpula do grupo, que se dissemina pelos demais níveis hierárquicos até alcançar os membros, individualmente (Bastos, 2024).

2.2 Crenças centrais das Testemunhas de Jeová

A religião Testemunhas de Jeová apresenta um conjunto de crenças que se propõe a constituir uma verdade única e inequívoca, tal verdade seria monopolizada pelo grupo e apresentada por seus membros, como forma de

salvação àqueles que estão fora da religião - através da pregação. A organização hierárquica é um aspecto marcante no grupo como um todo. O questionamento sobre as verdades não é benquisto. Algumas crenças requerem uma postura de todos os seus membros, como é o caso da neutralidade política e a recusa de pegar em armas no caso de convocação por forças militares (Bastos, 2014).

Um ponto característico da religião em questão é mencionado por Silva (2010) em sua dissertação de mestrado em antropologia social através de uma pesquisa de campo, na qual aborda a dinâmica das Testemunhas de Jeová. A autora menciona as fortes críticas aos outros grupos religiosos que inicialmente, no ano de 1990, tinham como alvo principal a Igreja Católica. Mas que por volta do ano 2000 se voltou para outras denominações, as críticas ainda que algumas vezes polêmicas costumam ser repetitivas e retomadas com regularidade. Sendo estas duas últimas características marcantes de suas práticas de ensino e aprendizagem.

Essa diferenciação das Testemunhas de Jeová dos demais grupos é bem demarcada dentro da literatura produzida pelo grupo e, conseqüentemente, instalada na linguagem dos adeptos. Em artigo sobre as origens da religião, a revista A Sentinela utiliza termos como “religião falsa” ou “cristandade” para referir-se às demais religiões; ao passo que ao próprio grupo intitula “religião verdadeira” (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2016, p, 28).

As religiões assim como outros aspectos relevantes da organização social como política e comércio são encaradas pelas Testemunhas de Jeová como formas de controle do próprio Satanás sobre o mundo, sendo ele o governante de tais sistemas. Portanto, os governos civis, ainda que respeitados, não são reconhecidos pelos fiéis. Tais crenças resultam em restrições como a de não votar ou anular o voto; não saudar a bandeira ou outro símbolo nacional. Por tais gestos serem encarados como idolatria, uma vez que a soberania não pertence a qualquer forma de organização ou governo que não seja o do seu Deus, Jeová. Outras crenças gerais do cristianismo como a existência de um inferno ou lugar de tormento não são aceitas pelo grupo por contradizer a figura de amor que é Jeová, sendo tal crença categorizada como obra de Satanás, o inferno é tido apenas como uma representação do túmulo ou sepultura (Herter, 2022).

A partir de pesquisa no site oficial das Testemunhas de Jeová, JW. Org, foi possível elaborar uma tabela que relaciona o conteúdo que a religião explicita como suas principais crenças:

Tabela 1 – Principais Crenças das Testemunhas de Jeová.

TEMA	CRENÇA
Deus	Só há um Deus verdadeiro, cujo nome é Jeová, e esse nome deve ser usado.
Bíblia	É a mensagem inspirada de Deus, as Testemunhas de Jeová possuem a sua tradução da Bíblia: Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas.
Jesus	É o salvador e filho de Deus, mas não é o Deus todo-poderoso, tampouco constitui uma trindade.
Reino de Deus	Trata-se de um governo real, no céu, que substituirá os governos humanos. A humanidade vive nos últimos dias deste sistema, que será encerrado com a guerra de Deus - o Armagedom - que iniciará essa substituição.
Salvação	Só é possível pelo sacrifício de Jesus, para tanto é necessário ter fé, fazer mudanças na vida e ser batizado como Testemunha de Jeová.
Céu	Morada de Deus, Jesus e anjos fiéis. Quando for instituído o novo governo celestial sobre a terra, 144.000 pessoas serão ressuscitadas para a vida no céu como governantes.
Terra	Criada por Deus para ser o lar da humanidade para sempre. Deus abençoará as pessoas obedientes com saúde perfeita e vida eterna num paraíso na terra. Viverão sob o governo celestial dos 144.000.
Maldade e sofrimento	São frutos da desobediência. Um anjo de Deus se rebelou, recebeu o nome de “satanás” ou “Diabo”, e convenceu o primeiro casal humano a juntar-se a ele, a humanidade descendente deles sofre as consequências. Deus permite a maldade e sofrimento objetivando resolver questões morais levantadas por Satanás. Mas ele não permitirá isso para sempre.

Morte	Aqueles que morreram deixaram de existir. Não há crença no inferno ou na existência de uma alma imortal. A ressurreição é o meio de Deus trazer as pessoas de volta à vida. Os que não forem ressuscitados, padecerão na destruição eterna.
Família	Encaram o casamento como aceitável apenas entre um homem e uma mulher, que esse é o padrão instituído por Deus. A única base para a separação é a morte ou imoralidade sexual (Adulterio, etc.).
Adoração	Não se faz uso de imagens ou da cruz. Consideram aspectos importantes nesse sentido: orar, ler e estudar a Bíblia, meditar sobre o que aprendem, frequentar as reuniões, pregar, construir e fazer manutenções dos Salões de adoração.
Organização	Estão organizados em congregações supervisionadas por anciãos, dentro de uma estrutura hierárquica não remunerada. Não se cobra dízimo, a obra e toda a organização é mantida por doações voluntárias. O Corpo Governante, a partir da sede mundial, orienta as Testemunhas em todo o mundo.
Reuniões	O conteúdo e ritual de celebração é o mesmo em todo o mundo. Se esforçam em acolher todos. E afirmam haver liberdade para fazer escolhas a partir de suas consciências treinadas pela Bíblia.
Modo de agir	É orientado o amor cristão. E evitar práticas que desagradam a Deus como: o uso de sangue por meio de transfusões; a participação em guerras; o respeito aos governos deve ser dado, desde que não entrem em conflito com os mandamentos de Deus.
Relacionamento com os outros	Devem amar ao próximo, ao mesmo tempo, não devem fazer parte do mundo. Assim, mantêm neutralidade política e não se associam a outros grupos religiosos.

As crenças apresentadas repercutem sobre os fiéis, despertando um senso de urgência quanto a necessidade de estarem cada vez mais engajados nas obras da organização. Para tanto são desincentivados a cursar ensino superior ou trabalhar em tempo integral, tendo em vista a urgência do trabalho religioso e a proximidade do fim. Logo, ingressar no ensino superior é colocar em risco a relação com Deus e a sua moral pelo convívio com quem não compartilha a mesma fé na busca de um conhecimento considerado inferior ao da organização. Assim, é incentivada a opção por cursos técnicos e uma forma de vida modesta, sem almejar fama, riqueza ou tentar melhorar o mundo por uma via que não seja mediada pela organização (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2025).

2.3 O grupo e sua dinâmica

Segundo Dias (2019) e Silva (2010), a pregação de casa em casa e nas ruas constitui um dos principais meios de captação de novos adeptos. A pessoa é contatada, a partir disso ingressa gradativamente nos ensinamentos, por meio de estudo bíblico oferecido por um membro da religião que se torna uma espécie de mentor². Deve haver participação nas atividades do grupo e implementação de diversas mudanças na própria vida até alcançar os requisitos para o batismo.

Posteriormente ao batismo, é possível acessar uma série de posições hierárquicas com os devidos *status* no meio religioso. Porém, isso não se dá sem os devidos critérios, que se afunilam à medida que crescem. Assim, é necessária uma estrita vigilância sobre a própria conduta (Barra, 2008).

A mesma vigilância é também externa, exercida de perto pelos líderes e todos os outros membros, objetivando adequar todos às ações esperadas. Mediante comportamentos indesejados há repreensão e/ou cortes de *privilégios*³, repercutindo de maneira negativa na imagem da pessoa frente à comunidade religiosa, já que as medidas costumam ser anunciadas publicamente. Assim, regras claras de conduta devem ser intimamente observadas por todos, estabelecendo-se uma forma de controle que condiciona o comportamento de todos às diretrizes repassadas pela religião (Silva, 2010).

² Chamado internamente de instrutor.

³ Como é chamado o status de possuir algum cargo dentro da organização. Em sentido mais amplo, privilégio denomina qualquer ação em prol da obra mundial de pregação, desde pregar até limpar os locais de adoração.

Em sua dissertação de mestrado em história, Bastos (2014) destaca um aspecto marcante para a compreensão da dinâmica organizacional no que se refere aos *privilégios*, isto é, os cargos de liderança. No âmbito de uma congregação, os cargos são de ancião e servo ministerial e são designados exclusivamente aos homens. Às mulheres, por sua vez, são destinados privilégios relacionados apenas a atividades de ensino que não envolvem o uso da tribuna no Salão do Reino das Testemunhas de Jeová⁴.

Ainda segundo a autora, no que cabe às mulheres, estas podem ingressar no serviço de missionárias de tempo integral, dentro ou fora do país, ou exercer as funções de pioneiras ou publicadoras, modalidades que se diferenciam pela quantidade de horas dedicadas à pregação. Ou seja, atividades de apoio, visto que não lhes é permitido disputar privilégios que representem maior grau de poder ou controle. A questão de gênero está presente em toda a estrutura de funcionamento da organização, inclusive em sua política institucional, restringindo e centralizando o poder nas figuras masculinas.

Na família, a disparidade de gênero também se perpetua, a orientação do grupo é clara ao destacar o papel de liderança do homem e da devida submissão feminina. Uma matéria destinada ao estudo em grupo pela congregação, intitulada “O cabeça da mulher é o homem”, apresenta muitos relatos de mulheres sobre os benefícios de serem submissas. Tal matéria destaca no seu corpo:

O mundo diz que as mulheres devem ignorar os padrões de Jeová e que ser submissa é algo humilhante. Mas aqueles que promovem essas ideias não conhecem o nosso Deus amoroso. Jeová jamais daria a suas filhas queridas uma ordem que fosse humilhante. A irmã que se esforça muito em cumprir o papel que recebeu de Jeová promove a paz em sua casa. (Sal.119:165) Isso é bom para todos na família: para o marido, para os filhos e para ela mesma., sendo assim, aspetos fundamentais da vida em família competem ao homem e ao seu poder de decisão, sendo a mulher considerada (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2021, p. 9).

Outro aspecto que atravessa a formação do grupo religioso é a tentativa de se apartar da cultura na qual está inserido, independentemente do país ou contexto social, uma vez que a religião está presente em diversas nações. Essa separação se manifesta em aspectos culturais que, segundo a doutrina, contrariam os princípios religiosos, mesmo que estejam enraizados na tradição local, como exemplo, a comemoração do Natal, Ano Novo, Dia das Mães, Páscoa, aniversários,

⁴ Como são nominados os locais de reunião e adoração das Testemunhas de Jeová. onde são realizadas reuniões congregacionais, incluindo discursos públicos e outras atividades religiosas regulares.

entre outros feriados e práticas (ORG, 2024). As publicações da organização orientam os membros a se manterem separados do “mundo”, ou seja, da sociedade e de suas práticas, pois estar no mundo significaria perder a relação com Deus. A definição de “mundo”, segundo o grupo, é a seguinte: “[...] refere-se a toda a humanidade apartada de Deus, governada por Satanás e escravizada ao espírito egoísta e orgulhoso que se origina do Diabo” (Mantenha-se [...], 2016, p. 50).

Essas e outras orientações, de acordo com Silva (2010), são transmitidas até alcançarem todos os fiéis, sendo recebidas e interpretadas como instruções provenientes dos intermediários de Deus, abrangendo todos os aspectos da vida cristã. Tais premissas, denominadas “alimento espiritual”, envolve tudo o que é publicado, orientado e/ou divulgado pelas lideranças - um pequeno grupo de homens que formam a cúpula das Testemunhas de Jeová, conhecidos também como “escravo fiel”, no sentido de serem usados por Deus em sucessão ao próprio Jesus. A incumbência de tal liderança é organizar a pregação e fornecer as diretrizes a serem mundialmente seguidas pelo grupo (Seja [...], 2024, p. 225).

Todos os fiéis são constantemente admoestados, através de uma extensa literatura em diversos formatos, bem como reuniões do grupo, sobre como encarar essa liderança. Em revista destinada ao estudo em formato de perguntas e respostas, é possível observar como esse raciocínio é construído:

Confie na organização de Jeová. No passado, Jeová usou Moisés e depois Josué para dar instrução ao Seu povo. (Jos. 1:16,17) Os israelitas eram abençoados quando reconheciam esses homens como representantes de Jeová. Centenas de anos depois, quando a congregação cristã foi formada, eram os 12 apóstolos que orientavam o povo de Deus. (Atos 8:14,15) Depois, esse grupo aumentou e incluiu outros anciãos em Jerusalém. Por seguirem a orientação que recebiam desses homens fiéis, “as congregações eram fortalecidas na fé e cresciam a cada dia”. (Atos 16:4,5). Hoje, nós também somos muito abençoados quando seguimos as orientações da organização de Jeová. Mas como você acha que Jeová se sentiria se a gente não aceitasse quem ele escolheu para tomar a liderança? Podemos responder a essa pergunta vendo o que aconteceu quando os israelitas estavam indo para a Terra Prometida. (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2024, p. 11)

No que se refere ao *modus operandi*, o grupo busca uma homogeneidade nas suas crenças e práticas universais de organização. A liderança é exercida pelo já citado Corpo Governante, que garante essa inteireza de pensamento sobre o seu povo, mesmo diante das barreiras culturais, políticas e econômicas dos países onde se instala. Esses líderes legitimam uma ideia de autoridade, através da sua vinculação direta ao sagrado e à necessidade de instituição e manutenção do grupo.

Como resultado, suas práticas norteadoras são amplamente aceitas sem maiores questionamentos. A conotação de sagrado que assumem, permite também ocultar disputas de poder (Bastos, 2014).

Em estudo sobre os aspectos históricos e sociológicos da religião Testemunhas de Jeová, Mendes (2023) pontua que aspectos individuais como a autonomia são suprimidos em troca da segurança do planejamento da vida e da promessa de felicidade. De modo que, nas palavras do autor: “a planificação da vida é totalizante, abarcando esferas, como a sexualidade, a família e o trabalho.” (p. 118), e que tal fundamentalismo seria movido pelo interesse da manutenção de valores morais em contraponto ao cenário de crescentes incertezas e declínio do patriarcalismo, resultantes da globalização.

Silva (2016), resume bem essa situação ao pontuar que há um notório esforço do grupo para se desvincular de possíveis classificações, com abordagens bem atenuadas e comportamentos menos rigorosos e radicais, em comparação aos do início do grupo. Porém, na prática, permanecem permeadas por seus fundamentos:

Mas, incontestavelmente, ainda hoje, é possível indicar características muito associadas às das doutrinas fundamentalistas, como a severidade com que controlam o comportamento moral de seus adeptos, dentro e fora da congregação, a crença literal de que 144.000 fiéis “reinarão nos céus”, e o radicalismo que se impõem na recusa de sangue (tanto por ingestão quanto por intervenção médica). (Silva, 2016, p. 54).

Logo, é possível perceber como impacto dessas crenças a adoção de um modo peculiar de vida por parte dos membros. Movidos por uma mensagem de salvação, adotam práticas muito características do grupo, um estilo de vida que envolve uma liturgia e adequação da maneira de se vestir. Assim como o uso de expressões linguísticas inerentes ao grupo, que carregam significados particulares e se constituem como uma língua própria, resultando em posturas que homogeneízam o grupo, não só no âmbito organizacional, mas se instalando individualmente como uma cultura partilhada entre os todos (Bastos, 2024).

Conforme já estabelecido um panorama geral de principais crenças e no que isso implica sobre os membros, é importante compreender também como ocorrem os processos de rompimento com o grupo as suas possíveis consequências ex-membros. Tal problemática será abordada no capítulo a seguir.

3 A DISSIDÊNCIA

3.1 O rompimento do elo grupal

Ex-Testemunhas de Jeová protestam contra líder mundial da igreja no interior de São Paulo, anuncia manchete no portal de notícias G1 (Ex-Testemunhas [...], 2025). Segundo a reportagem, um dos líderes norte-americano visitou o Brasil para compromissos institucionais, inclusive para tratar sobre a queda do número de adeptos no país, registrada desde 2020. Mas, afinal, o que poderia levar os ex-membros a tal descontentamento? Como ocorre o processo de rompimento com o grupo e quais são as consequências para quem sai?

Para adentrar questões mais específicas do grupo estudado e como se institui o processo de saída é importante explicar, ainda que de maneira breve, como a psicologia entende o conceito de grupo, até então amplamente abordado neste trabalho. Deste modo, Lapassade (1978) define o grupo como ato, no sentido de se constituir a partir de uma dispersão e se unir na luta contra a volta para tal dispersão. A partir disso forma-se como uma totalidade inacabada, sem fazer emergir um ser que transcenda os integrantes. Marcado pelo caráter incessante do trabalho voltado para fora de si, em torno do qual seus membros estabelecem uma ligação.

Zimerman e Osório (1997, p. 27) ressaltam a variação e imprecisão na conceituação do termo grupo, mas descrevem essa inter-relação entre o sujeito e o grupo social: “[...] Assim, como o mundo interior e exterior são a continuidade um do outro, da mesma forma o individual e o social não existem separadamente, pelo contrário, eles se diluem, interpenetram, complementam e confundem entre si.”

Ainda nos sentidos dados pelos autores, é a partir dessa introjeção, do exterior do grupo para o interior do sujeito que tal sujeito passa a exercer determinados papéis para ele a partir da convivência. O inverso também ocorre, Freud (1910) na obra *As perspectivas futuras da terapêutica analítica*, expressa que “[...] o êxito que a terapia passa a ter no indivíduo o indivíduo haverá de obtê-lo na coletividade.” O que aponta para a necessidade de compreensão de angústias e conflitos internos para contribuir nas interações coletivas. Para Silveira (2016, p.116), no grupo das Testemunhas de Jeová essa introjeção ocorre centrada em uma liderança unificada que contribui para “A construção da imagem de um grupo

isolado detentor de uma verdade sagrada, que é mantida a salvo de interpretações errôneas oriundas de outras denominações cristãs [...].”

O importante nome da Psicologia Social Le Bon (2022) ao trabalhar o conceito de massa psicológica, o considera não apenas a soma de indivíduos, mas uma entidade psicológica caracterizada pelo “inconsciente coletivo”, na qual os indivíduos podem estar fisicamente agrupados ou não. Essa união ocorre, principalmente, no campo ideológico, direcionando-os a uma unidade mental, ao passo que há um apagamento da personalidade consciente e da individualidade. Os indivíduos são dominados por suas atitudes inconsciente, o autor descreve esse processo da seguinte maneira:

O fato mais singular, numa massa psicológica, é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, sejam semelhantes ou dessemelhantes o seu tipo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o simples fato de se terem transformado em massa os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva. Esta alma os faz sentir, pensar e agir de uma forma bem diferente da que cada um sentiria, pensaria e agiria isoladamente. Certas ideias, certos sentimentos aparecem ou se transformam em atos apenas nos indivíduos em massa. (Le Bon, 2022, p. 13)

Mas é na obra Psicologia das massas e análise do eu que Freud (2011, p. 21) explana mais as dinâmicas grupais, como as pessoas se vinculam aos grupos e sobre as forças que influem na coesão e desagregação dos grupos. Nesse aspecto a liderança possui uma importante função: “A massa é um rebanho dócil, que não pode jamais viver sem um senhor. Ela tem tamanha sede de obediência, que instintivamente se submete a qualquer um que se apresente como seu senhor.” Para Freud o “prestígio” desse líder deve gerar uma identificação pessoal ao passo que demonstra força e determinação para que as suas ideias sejam aceitas.

Ao longo da obra já citada, Freud (2011, p. 35, 39) se refere à “comunidade dos crentes” como uma espécie de massa “bastante organizadas, duradouras e artificiais” Na qual o emprego de coação é utilizado como forma de evitar a dispersão e mudanças do grupo, podendo empregar a punição nos casos de dispersão. Psiquicamente o indivíduo se liga ao líder e aos seus semelhantes e a possibilidade da “interrupção dos laços afetivos (investimentos libidinais)” geram “angústia neurótica”.

Feita tal explanação, é importante entender como dentro do grupo estudado tal elo se desfaz. Logo, falar em dissidência é contemplar aqueles que de alguma maneira divergem e são expulsos, assim como os que saem

espontaneamente. Aqui há uma diferenciação considerada no âmbito da religião, aplicada aos fiéis batizados, resultando em uma classificação que explica a condição de cada tipo de afastamento, a saber: inativos – membros que interromperam suas atividades cristãs, sendo a principal nesse quesito, a pregação; desassociados – o membro passa por um processo interno de apuração de conduta resultando em expulsão; e, por fim, dissociados – mediante iniciativa pessoal o fiel se aparta da religião. Nos dois últimos casos, um anúncio público é dado ao grupo local do qual a pessoa fazia parte - denominado congregação, informando que a pessoa não é mais uma Testemunha de Jeová (Silva, 2010).

Ramos (2021, p. 31) explora uma dimensão mais direta desse fenômeno ao descrever a ocorrência desse rompimento:

O termo dissociação aplica-se à ação tomada por um membro batizado da congregação que, de livre e espontânea vontade, rejeita a sua posição como cristão. Ele faz isso por declarar que não quer mais ser reconhecido como Testemunha de Jeová. Quando é necessário desassociar um transgressor não arrependido, é feito este breve anúncio: “[Nome da pessoa] não é mais Testemunha de Jeová.” Não é preciso dizer mais do que isso. Esse anúncio servirá de alerta aos membros fiéis da congregação para que deixem de se associar com aquela pessoa. Esse anúncio deve ser aprovado pelo coordenador do corpo de anciãos

A partir do anúncio público, se instala um novo comportamento em relação à pessoa (Silva, 2010). Em publicação das Testemunhas de Jeová lemos: “Um simples ‘Oi’ dito a alguém [Desassociado] pode ser o primeiro passo para uma conversa ou mesmo para amizade. Queremos dar este primeiro passo com alguém desassociado?” (Sociedade Torre de Vigia de Bíblia e Tratados, 2016, p. 207).

Recentemente, conforme mencionado na introdução deste trabalho, as lideranças da organização atribuíram uma nova denominação aos que não fazem mais parte do grupo: “removidos”. Soma-se a isso a adoção de novas orientações, que transferem aos membros do grupo a responsabilidade de decidir sobre o grau de interação com essas pessoas. Por exemplo, são mencionadas situações como o convite para assistir a uma reunião ou cumprimentar um removido durante encontros congregacionais. No entanto, tais orientações restringem-se a aspectos religiosos (Sociedade Torre de Vigia de Bíblia e Tratados, 2015, p. 27).

Quando se trata daqueles dissidentes que discordam dos preceitos religiosos - identificados pelo grupo como apóstatas, a regra é clara:

Alguns talvez se perguntem: ‘Mas a Bíblia não diz que quem cumprimenta um pecador participa das suas obras más?’ (Leia 2 João 9-11) O contexto

de 2 João 9-11 mostra que isso se aplica a quem é apóstata e outros que promovem ativamente conduta errada (Apo. 2;20). Por isso, se uma pessoa está promovendo ativamente ensinamentos apóstatas ou conduta errada, os anciãos não vão visitá-la. Mesmo assim, ainda existe esperança que ela se arrependa e mude de atitude. Mas, até isso acontecer, não vamos cumprimentar essa pessoa nem convidá-la para assistir às reuniões. (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2024, p. 31).

Para compreender esse rompimento, é fundamental entender o processo de ingresso no grupo. Barra (2008), ao estudar os processos de conversão das Testemunhas de Jeová, destaca como o grupo repercute sobre o indivíduo, levando-o a assumir novas formas de pensar e, conseqüentemente, novos valores, evidenciados na maneira como o convertido passa a interagir com os demais membros, com os seus familiares e com a sociedade, de maneira geral, agora orientado por enfoques reformulados. A narrativa adotada demanda novos comportamentos e uma nova concepção sobre si mesmo, sobre o próprio passado e sobre a identidade construída no processo de conversão. De modo que a autora conclui que essa identidade é marcada pela diferenciação em relação aos membros de outros grupos religiosos, e por extensão, a todos aqueles que não professam as mesmas crenças. Busca-se evitar o contato próximo com esses indivíduos para não se contaminar. Dessa forma, a diferenciação torna-se um traço central da identidade em todos os sentidos.

Coadunam com os aspectos abordados até aqui, os achados de Silveira (2016, p.121) que realizou estudo sobre a identificação de mecanismos de controle, por parte dos líderes das Testemunhas de Jeová, para manter a “coesão doutrinária em relação aos descrentes e outros segmentos religiosos”. Nos seus achados o autor destaca:

Ao acompanhar o material impresso vinculado pelos líderes dessa instituição, percebeu-se o esforço enorme por parte dos líderes em se apresentar como detentores da real interpretação dos textos sagrados e, também, como os únicos capazes de desvendar a realidade e as questões cotidianas dos fiéis à luz dessas interpretações. Sendo assim, é possível analisar o que se passa nesse ambiente religioso à luz das teorias sociológicas sobre dominação, poder, violência simbólica e controle.

Bornholdt (2009, p. 11) em estudo sobre a atuação do grupo religioso na internet para atividades missionárias/ proselitistas, relata que as Testemunhas de Jeová, em comparação com outros grupos cristãos, buscam manter o status quo de valores morais e identitários do grupo, que servem como meio de separação de outras denominações, reforçando o seu caráter de fechamento:

A missão testemunha-de-jeová parece ser, portanto, sinônimo do proselitismo e da busca incessante de uma conversão a um modo de vida específico, permeado de regras, valores, condutas e visões de mundo que definem e constroem a identidade testemunha-de-jeová e que, do seu ponto de vista, conduz à salvação. Uma prática proselitista que não inclui outros espaços nem outras vivências que não sejam as determinadas pelo grupo. Por isso a experiência ecumênica torna-se inviável, e a relação estabelecida com o “extramundo”, ou seja, tudo aquilo que caminha à margem dos valores testemunha-de-jeová (inclusive o cristianismo padrão) é impraticável. [...] a missão das Testemunhas de Jeová não é feita do serviço e do amor ao próximo (apesar de anexá-los ao seu discurso em alguns momentos). Elas não realizam missão como uma ação humanitária. São enviadas ao mundo com um intuito mais específico, de proselitismo e conversão.

A autora já citada, ao considerar a dimensão individual, nesse aspecto, chega à conclusão que há uma despersonalização de características pessoais em prol de interpretações da Sociedade Torre de Vigia, que se presta a orientar os discursos e comportamentos, inclusive na internet, demarcando os limites do que se pode acessar. Todo esse “controle e disciplinarização” servem como reforçadores da visão instituída por tal liderança, a autora conclui “O ‘eu’ individual não encontra espaço no ambiente virtual, já que é absorvido pela identidade abrangente da Instituição, que em todos os momentos se apresenta como mediadora destas informações.” (Bornholdt, 2009, p.12).

Assim, considerando os conceitos de grupo explorados até aqui, fica evidente que há uma forte inter-relação entre sujeitos e grupos. A identidade pode ser construída através da identificação com o grupo, o que implica a rejeição daquilo que vai de encontro aos valores do coletivo. Simultaneamente, ocorre a diferenciação dos demais grupos, assim como dos descrentes da sua fé – o restante da sociedade. Nesse ponto, sair desse meio é tornar-se também o outro, aquele do qual os remanescentes sentem a necessidade de se distinguir. Portanto, a saída não representa apenas uma retirada simbólica ou o rompimento da convivência, mas, muitas vezes, também a ruptura de laços afetivos e sociais.

3.2 Dissidência e ostracismo

Após o rompimento, muitos dissidentes adotam uma postura de oposição em relação às crenças que mantinha até então. Ramos (2021) aborda a denominação utilizada para tais sujeitos: apóstatas. O termo, como explica o autor, não é exclusivo das Testemunhas de Jeová e possui histórico de uso por instituições religiosas, visando descrever uma situação polarizada, marcada pelo desligamento

do controle exercido, pela ruptura com a lealdade anterior e pela associação a instituições ou elementos considerados opositores. Frequentemente, são os próprios apóstatas que adotam atitudes de denúncia, inclusive no âmbito judicial, o que contribui para a visibilidade de suas experiências.

Essa postura contrária e denunciante motiva um corte de convivência mais radical (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2024). Pereira (2020, p.12), liga a expulsão ao ostracismo e destaca o modo abrupto como isso se instala na vida do indivíduo, dado que após o anúncio é iniciada a regra de não convivência com ex-membros: “não permitindo-lhe se justificar diante dos demais membros nem mesmo se despedir de amigos e familiares que permanecem na associação.”

O afastamento se estende às redes sociais, refletindo uma forte preocupação da Sociedade Torre de Vigia quanto à interação dos seus fiéis com essas ideias contraditórias. Para tanto, desestimula-se a construção de “narrativas individuais”, promovendo-se a adoção do discurso oficial da organização e do não acesso a conteúdo divergente (Bornholdt, 2009). Assim, há uma forte exortação em tom paternalista visando evitar a possível influência daquele que saiu e adotou outra postura:

Por muito tempo Satanás tem usado apóstatas nos seus esforços de seduzir os servos de Deus (Mateus 13:36-39). Os apóstatas podem afirmar que adoram a Jeová e que crêem na Bíblia, mas rejeitam a parte visível da organização dele. Alguns até mesmo voltam a aceitar as doutrinas de “Babilônia, a Grande”, o império mundial da religião falsa, que desonram a Deus. [...] O que querem os apóstatas? Muitos não se contentam em apenas abandonar a fé que antes talvez considerassem verdadeira. Frequentemente, querem levar outros com eles. Em vez de fazer os seus próprios discípulos, muitos apóstatas procuram “atrair a si os discípulos [de Cristo]”. (Atos 20:29,30) Paulo fez essa advertência urgente a respeito de falsos instrutores: “Acautelai-vos: talvez haja alguém que vos leve embora como presa sua.” (Colossenses 2:8) Não é isso o que muitos apóstatas procuram fazer? Assim como um seqüestrador leva uma vítima incauta para longe da família, os apóstatas atacam membros ingênuos da congregação, procurando afastá-los do rebanho. (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2004, p. 16).

O tom de aviso amoroso permeia a comunicação expressa nas publicações da Sociedade Torre de Vigia. A disciplina torna-se ato de amor, por parte daquele membro que executa a sentença do distanciamento com um objetivo nobre e preciso: a salvação do outro e a preservação da integridade do grupo:

Assim como o filho pródigo, os desassociados talvez se deem conta do que perderam, visto que não são mais membros da congregação, sua família espiritual. Eles podem cair em si ao pensar nas consequências amargas do

seu proceder pecaminoso, bem como nas agradáveis lembranças do tempo em que tinham uma boa relação com Jeová e seu povo. É necessário amor e firmeza para que a desassociação dê bons resultados.[...] Em muitos casos, a desassociação dá ao pecador a disciplina que ele precisa. (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2015, p. 31).

Mendes (2001, p. 195, 207), considera que “o reforço dos laços íntimos, assim como a intensificação do controle e gerenciamento expressivo, é um passo importante para a valorização da identidade”. Ainda conforme o autor, quando ocorre o rompimento dessas relações de maneira unilateral, a pessoa que foi expulsa ou decidiu sair sofre diretamente o impacto dessa diferenciação moral em distintas dimensões: “As vítimas são estigmatizadas e vilanizadas, isso alimenta a repulsa em relação aos desassociados. Além do que o contato com essas pessoas é um pecado que pode significar a perda da vida eterna.”

Em sua tese de doutorado em Psicologia, Ramos (2021) estudou a desfiliação das Testemunhas de Jeová. Participaram do estudo 236 Ex-Testemunhas de Jeová do Brasil e Portugal. O trabalho aponta como principais consequências da saída do grupo: “[...] ostracismo (30.9%), problemas de saúde (26.3%) e sentimentos negativos (13.4%).” Em um segundo momento, examinou-se a percepção sobre abuso psicológico, chegou-se ao seguinte conclusão acerca dos motivos para abandono da religião: “perda da fé na doutrina (26.8%), discordância ou desilusão com a liderança (14.9%) e discordância com alguns regulamentos e obrigações (11.0%).”. Destes participantes, 97,5% têm a percepção do grupo como sendo abusivo (Ramos, 2021, p. 9, 10, 69).

Lima (2022) faz uma análise das ex-Testemunhas de Jeová, considerando a possível correlação entre depressão e ostracismo religioso, a partir de uma revisão bibliográfica. Conclui que o corte do relacionamento familiar leva à ausência de suporte, esse fato ligado a momentos de grande tensão também pode desencadear problemas psicológicos, em especial quando já há predisposição. A culpa, conforme a sua intensidade, também pode ser apontada como um fator de risco.

Em uma pesquisa que associa a religião ao adoecimento mental, Carvalho (2025) recorre à autoetnografia como forma de representar a sua experiência dentro da religião Testemunhas de Jeová, explorando os conceitos sociais, culturais e religiosos concernentes às práticas religiosas adotadas. A autora

conclui que há nas Testemunhas de Jeová adoecimentos comuns aos grupos fundamentalistas, como:

(a) a inadmissão de divergências; (b) a supressão constante do ego em nome da humildade requerida; (c) a anteposição entre vida subjetiva e vida espiritual, com renúncia total a subjetividade humana; (d) micro controle de todos os aspectos da vida (educação, profissão, amizades, relacionamentos amorosos, casamento, criação de filhos, vestimenta e práticas de lazer); e (e) ameaças de perdas de privilégios e direitos; e (f) a rejeição e ostracismo aos divergentes. (Carvalho, 2025, p. 17)

Diante do exposto é possível observar que os processos de dissidência, seja de forma voluntária ou por determinação do grupo, podem resultar em ostracismo, especialmente quando a postura adotada pelo ex-membro é de oposição e denúncia. O afastamento, ainda que justificado como medida amorosa, contribui para o julgamento moral e para a construção de estigmas, os quais podem repercutir negativamente sobre a identidade desse sujeito, além de favorecer o surgimento de transtornos mentais. A seguir, será explorado mais detalhadamente o conceito de identidade ligada a esse momento de ruptura.

3.3 O eu no mundo

Mediante o que foi explanado até aqui, faz-se importante considerar o conceito de identidade e os atravessamentos do psicossocial para a sua formação. Uma pessoa se constitui uma “soma total” de tudo aquilo que pode chamar de “seu” em sentido mais íntimo. Essa noção é estendida para além do corpo e do psiquismo, contemplando outros aspectos da vida como o sentimento que deriva das relações mais íntimas. Assim, o self (si mesmo), está tão permeado por essas relações, que em caso de tais pessoas próximas sofrerem ou morrerem, uma “parte” do self também sofre ou morre. (Willian, 1977 *apud* Dalgalarondo, 2019).

Ainda na tentativa de caracterizar o self, o autor aponta o “material” como constituinte do *self*, essa relação estabelecida com os objetos mais utilizados no cotidiano, como as roupas, acessórios, pessoas próximas, como familiares e amigos. E ainda, como o *self* social que diz respeito ao reconhecimento do outro, a isso o autor coloca que “Se ninguém nos nota, reconhece e valoriza, podemos nos sentir mais que arrasados – aniquilados, mortos, em termos psicossociais.” (Dalgalarondo, 2019, p. 257).

O conceito de identidade psicossocial foca na interação com o grupo, aqui há a conciliação entre sujeito e grupo. Ainda assim, valoriza-se, de forma indireta, a individualidade, ao destacar as maneiras pessoais com que cada um se inclui ou se exclui dos grupos (Paiva, 2007).

O conceito de identidade psicossocial relaciona-se com a “sensação de ser alguém” em contraste ao sentimento de “anonimato”. A identidade é resultante de um processo de construção pessoal estabelecida a partir da relação com a “um ou vários grupos sociais e culturais” Sendo esta mutável e composta por diversas outras identidades que surgem a partir do sentimento de pertencimento a diversos grupos, sendo importante no “reconhecimento social e legitimação” essenciais no constructo da autoestima. Logo, problemas nesse campo estão ligados à confusão e desorientação quanto que a pessoa é no contexto sociocultural, às expectativas no seu entorno, os sentimentos que derivam disso, e o lugar que ocupa no mundo. Como ocorre na crise de identidade, a qual o autor descreve como: “ [...] dificuldades intensas” e ao surgimento, em curto período, da sensação de insegurança e confusão em relação a identidades e escolhas do sujeito (Erikson, 1985 *apud* Dalgalarondo, 2019, p. 265). Dalgalarondo (2019), ainda aponta como exemplo de “confusão de identidade” a identidade religiosa, o que pode resultar em angústia e interferir na vida.

O *self*, entendido a partir de um contexto fenomenológico, está ligado às próprias experiências do ser, que se tornam parte dele. A forma como a realidade é percebida, ditará o seu agir no mundo. A identidade nessa perspectiva, passa também pelo outro, de sua percepção acerca dos papéis que o indivíduo vai desempenhando. O processo de constituição do sujeito atravessa todas as fases da vida, a partir do qual emerge uma imagem de si mesmo, que servirá, primordialmente, como base para a realização de suas escolhas. Essa parte mais consistente é o projeto original, a parte mais variável seria o projeto secundário. Logo, o conceito sobre si e como o qualifica, institui a autoestima. Esse processo está diretamente relacionado ao modo de funcionamento do sujeito, pois um autoconceito negativo dificulta o crescimento pessoal e pode contribuir para o desenvolvimento de quadros de depressão, ansiedade e sentimentos de inferioridade. Tais fatores tendem a levar à antecipação de julgamentos desfavoráveis por parte de outras pessoas, o que pode enviesar os comportamentos

do indivíduo, levando-o a agir de forma a confirmar esses mesmos julgamentos (Erthal, 2016).

Na atual conjuntura social, os processos identitários são marcados pela fluidez e multiplicidade, no entanto, no âmbito de grupos fundamentalistas, há um movimento contrário. A insegurança resultante de um mundo em transformações é combatida pelo acesso a verdades imutáveis conduzindo a certezas plenas. Como consequência disso, restringe-se a liberdade e minimiza-se o campo de opções de escolhas em vários aspectos. Adentrar esse tipo de grupo implica em abdicar, em grande parte, das outras identidades construídas ao longo das vivências e submeter-se àquela que é do grupo, de suas práticas e ideias. O sentimento de pertencimento, a representação que se tem do grupo como escolhido por Deus, o amor fraterno externado pelo próprio termo *irmão* nos tratamentos e nas atitudes esperadas, são importantes elementos precursores da nova identidade (Bastos, 2014).

Para Silveira (2016), na religião Testemunhas de Jeová a realidade é marcada pelo ontológico, de modo que alterar a própria realidade seria uma ameaça à ordem do sagrado, pois embora o sentido do sagrado não seja alcançado pelos humanos, há uma ligação com tal instância.

Fora do campo do controle social, o indivíduo inicia um “processo de reintegração parecido com o da aquisição da antiga personalidade.” (Mendes, 2017, p. 192). Ainda segundo a autora já citada, quando há o desligamento do grupo, essa identidade muda, a autoestima também é afetada. De início tende-se a uma perda das próprias referências e o impacto da desaprovação e desprezo manifestado pelo antigo grupo. A autora conclui que “Não seria, por acaso, que muitas vezes os condenados acabam se comportando da forma como se espera que se comportem.” (Mendes, 2017, p. 192). Uma questão que aflige muito os removidos é a superação da influência que a religião continua a ter sobre suas vidas após o desligamento. A memória é elemento chave nesse processo. Ela não é estática, sendo passível a ressignificações. A experiência do gerenciamento profundo das emoções passa também pela reconfiguração semântica da memória (Mendes, 2017).

Essas considerações condizem com o movimento exercido por ex-membros na busca por conexões, conforme descrito por Silveira (2016) que possibilitem a reformulação da própria autoimagem - fragilizada em decorrência da perda da relação fraternal com o grupo, o sentimento de inferioridade diante do desprezo e dos julgamentos morais ligados ao processo de rompimento. Na busca

por uma coesão pessoal, esses ex-membros adentram movimentos de reconhecimento, como o descrito no início deste capítulo. É por meio do engajamento em fóruns de internet, blogs, associação de ex-membros, entre outros espaços, que ocorre uma (re)inserção no coletivo, a qual possibilita lidar com os próprios estereótipos internalizados. Nesses ambientes, os sujeitos buscam uma congruência entre seus pensamentos e atitudes como forma de racionalizar a própria experiência de ruptura. Ainda sobre esses espaços, o autor acrescenta:

O Fórum parece agir como uma espécie de “terapeuta coletivo”, criando a sensação de pertencimento a uma comunidade de destino e aliviando os sentimentos negativos. Traumas e uma gramática moral são compartilhados, o que estabelece um entendimento comum. [...] O Fórum também pode ser um gatilho para dissociação. Os indivíduos encontram nele segurança e estímulo para deixar a religião. (Silveira, 2016, p. 205).

Assim, a identidade profundamente marcada por aspectos psicossociais, está fortemente relacionada às interações e a multiplicidade das vivências - aspectos que contribuem significativamente para a autoestima. Nos processos de exclusão ou rompimento com o grupo, a identidade sofre alterações e a autoestima é afetada, não apenas pelo desprezo, mas pelos estigmas atribuídos, incitando uma nova busca por espaços de pertencimento que permitam novas construções identitárias.

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de campo de caráter quantitativo e qualitativo, A abordagem quantitativa permitiu a identificação de dados objetivos, como frequência de determinadas vivências, enquanto a abordagem qualitativa possibilitou a compreensão mais profunda dos significados atribuídos a essas experiências. Para Prodanov e Freitas (2013, p. 59):

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los.

Ainda segundo os autores, a pesquisa de campo exige, inicialmente, uma revisão bibliográfica sobre o tema, a fim de identificar o estado atual do problema, os estudos já realizados e as principais perspectivas existentes. Essa etapa também contribui para a construção de um referencial teórico preliminar, além de orientar a definição das variáveis e a organização do plano geral da pesquisa.

4.2 Participantes e local do Estudo

O estudo teve a participação de 10 ex-membros da religião Testemunhas de Jeová, todos maiores de 18 anos e batizados, pois somente as pessoas batizadas conseguem acessar determinadas vivências dentro do grupo.

Para a seleção dos participantes utilizou-se o princípio da amostragem em bola de neve, assim “participantes sementes” - pessoas conhecidas da autora com perfil adequado à pesquisa, indicaram outros participantes com as mesmas características (Vinuto, 2014).

Em relação à parte bibliográfica do estudo, a princípio foram realizadas buscas nas seguintes bases de dados para um levantamento preliminar: Scielo (Scientific Electronic Library Online), Google Acadêmico, Portal de periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Biblioteca Virtual em Saúde Psi, BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), Index Psi Periódicos,

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), PsycINFO, PEP (Psychoanalytic Electronic Publishing) e PePSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia).

Na busca utilizou-se a combinação dos descritores: “Testemunhas de Jeová” juntamente com “saúde mental”, “desassociação”, “dissociação”, “Psicologia” e “identidade”.

Buscou-se por fontes que retratassem o tema de forma aprofundada, com destaque para aquelas de natureza primária, elaboradas diretamente por seus autores - como teses universitárias, artigos, anais de congressos e publicações em revistas - que relatassem algum tipo de vivência no contexto investigado (Prodanov; Freitas, 2013). Considerando que o trabalho propõe discutir sobre conceitos relacionados a modos de vida de um grupo específico, os materiais analisados não se restringiram ao campo do saber *psi*. Devido à escassez de produções diretamente vinculadas ao objeto de estudo, foi necessário ampliar a busca para outras áreas do conhecimento, desde que os materiais contemplassem as questões previamente delimitadas.

A partir dessa seleção, foi possível estabelecer correlações com os saberes próprios da psicologia e, conseqüentemente, delimitar os eixos temáticos para a análise do material obtido por meio dos questionários.

Para levantamento de informações sobre a religião Testemunhas de Jeová, realizou-se consulta ao site oficial da religião, o *JW.org*. O site propiciou um vasto acervo de publicações que explicam as crenças e diretrizes organizacionais do grupo, o que contribuiu significativamente para a compreensão do objeto de estudo.

4.3 Coleta de dados

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário elaborado pela autora com base nas pesquisas realizadas durante o desenvolvimento deste trabalho (Flick, 2013). O questionário foi distribuído aos participantes por meio da plataforma Google Forms, conforme apresentado no Apêndice A.

O questionário continha um termo de aceite, cuja confirmação era obrigatória para que o participante pudesse prosseguir com a pesquisa, além de um link para download do Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE),

disponível na íntegra. O instrumento foi dividido em duas seções: Parte I - Perfil do(a) participante e Parte II – Experiências e vivências no grupo religioso, totalizando 24 perguntas. A segunda parte, referente aos relatos de experiências e vivências, foi composta por perguntas abertas, permitindo que o participante relatasse suas vivências de forma livre e não obrigatória.

Todos os participantes foram contatados previamente, via aplicativo de mensagem, para verificar a compatibilidade com os critérios da pesquisa e o aceite ou não, mediante explicação acerca do estudo. Posteriormente, foi enviado um link para acesso ao questionário.

A escolha pelo quantitativo de dez participantes justificou-se pelo fato de se tratar de um estudo, na sua maior parte, qualitativo e centrado nas vivências, o qual não exige uma amostra numericamente expressiva, mas sim composta por experiências distintas que possibilitem a análise aprofundada do fenômeno estudado (Campos, 2004). A participação de indivíduos provenientes de diferentes estados do Brasil contribuiu para a constituição de um público participante variado, permitindo a investigação de vivências diversas no contexto de um grupo religioso que se propõe a universalização de suas normas e crenças.

Os critérios de inclusão estabelecidos foram: ser ex-membro batizado da religião em questão e ter idade igual ou superior a 18 anos. Essa escolha se justifica pelo fato de que, dentro do grupo religioso, existem restrições específicas aplicadas aos não batizados, de modo que uma vivência considerada mais completa só é plenamente possível a partir do batismo. Quanto aos critérios de exclusão, não houve aplicação, em vista do número reduzido de participantes.

4.4 Análise dos dados

Para a análise dos dados empregou-se a análise de conteúdo, que segundo Campos (2004), não se caracteriza por um formalismo excessivo que comprometa a criatividade e intuição do pesquisador, tampouco por uma imposição de ideias e valores próprios que sirva como instrumento de confirmação. Para tanto, segue as seguintes fases: “a) organização da análise; b) codificação; c) categorização; d) tratamento dos resultados, inferência e a interpretação dos resultados.” (Bardin, 2010, p. 280).

A análise do conteúdo permite a decodificação sistemática do material da pesquisa em unidades de significado, possibilitando a categorização e interpretação dos dados de forma organizada, realizando-se uma classificação e formação de agrupamentos analógicos. Neste estudo adotou-se a análise, com a identificação de temas centrais elaborados a partir do referencial teórico e dos objetivos estabelecidos. As unidades de análise encontradas foram isoladas, possibilitando a comparação com outros estudos e fontes teóricas. Estiveram presentes dois tipos de temas, um principal que definiu a parte analisada do trabalho e um secundário, que definiu outros pontos relevantes para o fenômeno estudado Bardin (2010).

Para a seleção do material de pesquisa, foi realizada uma leitura prévia dos resumos dos trabalhos, selecionando-se aqueles que retratavam aspectos de funcionamento próprio do grupo e a exposição de vivências com repercussões no psicossocial após a saída do grupo. E seguida, foi feita uma leitura completa e análise do conteúdo, com a elaboração de um fichamento baseado em três hipóteses pré-definidas, as quais buscaram responder à questão principal da pesquisa. Procurou-se compreender o caráter crítico, a fidedignidade e a origem desses trabalhos (Prodanov; Freitas, 2013).

Na fase de exploração do material, foi realizada uma leitura flutuante dos conteúdos dos questionários. Em seguida, realizou-se uma leitura mais criteriosa, que permitiu a identificação de determinadas temáticas. Posteriormente, foram construídas categorias de análise, classificando-se as respostas às questões abertas em três eixos temáticos (Carlomagno; Rocha, 2016.):

Tema 1 - Vivências no grupo e as manifestações de internalização das crenças e regras; Tema 2- Impactos do afastamento sobre a construção da identidade psicossocial; Tema 3 – Estratégias de enfrentamento;

Posteriormente, correlacionou-se os achados, permitindo a interpretação dos fenômenos de acordo com o referencial teórico do estudo e a criação de gráficos.

4.5 Aspectos éticos

Inicialmente, o trabalho foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) através da Plataforma Brasil, sob o CAAE 86307225.2.0000.8707, conforme consta no anexo A do presente trabalho.

Em consonância com as orientações do Sistema CEP/CONEP, integrado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP/CNS/MS do Conselho Nacional de Saúde e pelos Comitês de Ética em Pesquisa – CEP, observou-se as Resoluções do CNS N° 466/2012 e a CNS N° 510/2016. Segundo as quais os participantes da pesquisa, de forma voluntária, assinaram um Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE) como forma de expressão de concordância, após os devidos esclarecimentos acerca da pesquisa de forma compreensível e acessível. Garantindo também a confidencialidade da identidade dos participantes, para tanto, foram dados nomes fictícios a cada um. A observância dessas orientações nortearam um trabalho seguro e que respeitou os participantes.

O compartilhamento das vivências pelos participantes pode ter contribuído para o sentimento de reconhecimento e valorização pessoal, além de auxiliar na construção de um novo saber sobre experiências semelhantes. Esse processo também pode favorecer o autoconhecimento, ao estimular reflexões sobre a própria trajetória, decisões e aprendizados, fortalecendo a identidade e possibilitando a identificação de necessidades pessoais, como terapia e/ou outras formas de cuidado e desenvolvimento pessoal.

A participação na pesquisa poderia implicar riscos emocionais e psíquicos, como ansiedade, tristeza ou angústia, ao rememorar experiências potencialmente dolorosas. Para minimizar esses efeitos, as perguntas foram formuladas de modo aberto e não invasivo, permitindo que cada participante decidisse até que ponto desejava se aprofundar ou até mesmo encerrar sua participação a qualquer momento. Além disso, foi disponibilizado suporte psicológico via teleatendimento, com orientações e encaminhamentos para serviços da Rede de Saúde Mental ou outros apoios adequados, caso necessário.

Por fim, considerando a temática explorada, bem como toda a complexidade dos fatos envolvidos e suas possíveis repercussões, buscou nortear pela ética a busca sistemática do conhecimento, de forma moralmente condizente com a postura de um pesquisador, visando a obtenção de resultados passíveis de reprodução e capazes de contribuir para a produção de conhecimento (Prodanov; Freitas, 2013).

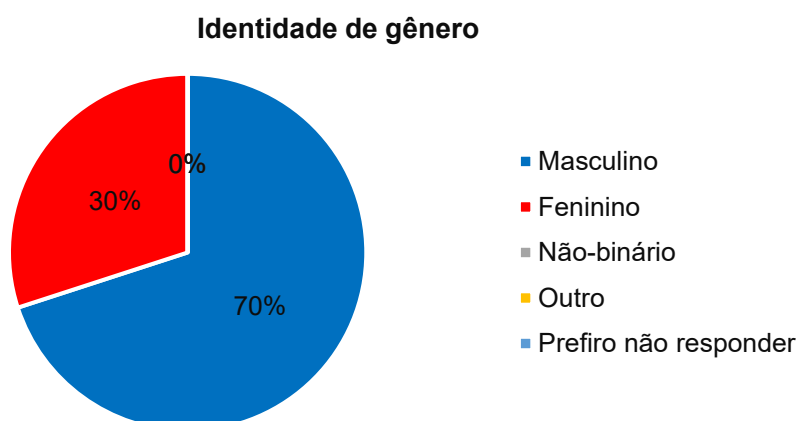
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente estudo resulta da análise de conteúdo dos relatos, via questionário, com participação voluntária de dez ex-membros das Testemunhas de Jeová (Bardin, 2011). Todos os participantes responderam prontamente à pesquisa referente aos impactos psicossociais de seu rompimento com o grupo. Como se vê mais a adiante, os relatos foram divididos em categorias (Carlomagno e Rocha, 2016.). Sendo a primeira sobre as vivências no grupo e as manifestações de internalização das crenças e regras; a segunda trata dos impactos do afastamento sobre a construção da identidade psicossocial; e a terceira sobre as estratégias de enfrentamento

A pesquisa resultou em uma diversidade geográfica a nível nacional, contemplando um total de sete estados: Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Tocantins, Pernambuco, Piauí e Ceará. Como a universalidade e a homogeneidade dos ensinamentos e práticas constituem uma importante característica das testemunhas de Jeová, essa diversidade se mostrou pertinente para a comparação das vivências.

Para tanto, é importante compreender o perfil desses participantes. Todos são maiores de 18 anos, a faixa etária variou entre 27 e 54 anos. Por questões éticas, foram usados nomes fictícios. Não houve recorte de gênero, sendo três participantes do gênero feminino e sete do gênero masculino, conforme demonstra o gráfico a seguir:

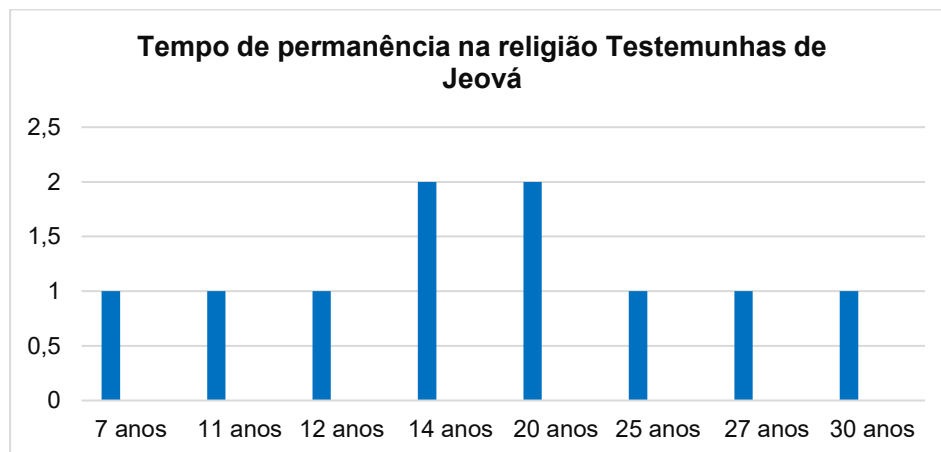
Gráfico 1: Identidade de gênero



Fonte: dados do questionário aplicado

Dentre os participantes, o tempo de permanência na religião resultou na média dos 18 anos. O menor tempo registrado foi 7 anos, enquanto o maior foi de 30 anos. Destes, um dos participantes indicou ter nascido na religião.

Gráfico 2: Tempo de permanência na religião

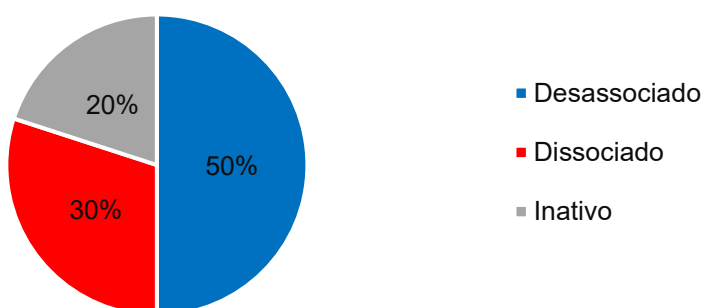


Fonte: dados do questionário aplicado

Sobre a condição atual em relação à ruptura do vínculo com a religião, 05 informaram ser desassociados – foram expulsos e foi dado o anúncio oficial na congregação; 03 dissociados – saíram por iniciativa própria e foi dado o anúncio oficial; e 02 inativos – se afastaram, porém, não foi dado o anúncio oficial. Conforme mostra melhor o gráfico abaixo:

Gráfico 3: Condição em relação a religião

Situação em relação a religião Testemunhas de Jeová



Fonte: dados do questionário aplicado

Relacionando essas condições aos relatos sobre os motivos de egresso do grupo, identificou-se a discordância com as crenças da religião como o principal fator. Mesmo nos casos em que esse motivo não foi explicitamente mencionado como o mais relevante, ele esteve presente de forma implícita, como por exemplo, nas situações de punição por violação de regras ao manter contato com membros expulsos. Ou no afastamento em razão da conduta de outro integrante, considerada inadequada para o meio, conforme descrito pelo participante Assis. A tabela a seguir apresenta de forma mais precisa os motivos relatados para o desligamento, na forma como foram relatados:

Tabela 1 – Motivos da desfiliação

MOTIVOS DO DESLIGAMENTO DO GRUPO RELIGIOSO	SITUAÇÃO
<i>“Não concordar com as crenças, mandamentos desumanos e mudanças constantes nos ensinamentos.” (Helena, 42 anos).</i>	Dissociada
<i>“No primeiro momento me afastei por discordar dos líderes religiosos locais (anciãos) em relação a maneira política como tomavam as decisões. Depois ampliei meu ponto de vista ao ter contato com disciplinas como História, Psicologia, Sociologia. Ao fazer uso dessas ferramentas; citando o Gênesis: “Meus olhos forçosamente se abriram.” (Sócrates, 49 anos).</i>	Inativo
<i>“Traição conjugal.” (Assis, 54 anos).</i>	Inativo
<i>“Questionar e verbalizar discordância contra dógmas e práticas que com o tempo passei a entender como opressoras.”(Alan, 38 anos).</i>	Desassociado
<i>“Discordância dos ensinamentos doutrinários.” (Vicente, 31 anos).</i>	Dissociado
<i>“Descobri que fui enganado esse tempo todo.” (George, 42 anos).</i>	Desassociado
<i>“Me afastei por não concordar com os dogmas religiosos. Minha desassociação aconteceu porque mantive contato com uma pessoa que já havia sido desassociada.” (Sol, 27 anos).</i>	Desassociada

<i>“Basicamente foi minha insatisfação com os dogmas, regras e doutrinas da comunidade. Muitos dos ensinamentos e preceitos violam descaradamente a dignidade do ser humano, seus direitos e as leis de liberdade religiosa. Algumas coisas que também me incomodavam eram o exclusivismo radical do grupo, a pressão para o isolamento social e à submissão cega aos líderes, a demonização dos que não compartilhavam os ideais religiosos, o ostracismo aplicado aos que foram expulsos por discordância o que acabava por gerar discórdias familiares, destruindo casamentos e separando pessoas queridas de seus lares, além de dogmas que se baseavam em interpretações forçadas da escrituras que caíam sempre em contradições e causavam mortes de inocentes, como a proibição equivocada das transfusões de sangue, e finalmente, soube através de pesquisas que as Testemunhas de Jeová como organização não haviam sido honestas com seus membros sobre o seu passado de falsas profecias e mudanças doutrinárias. Posso também acrescentar que em seguida, tive acesso a documentos e testemunhos de que a comunidade estava envolvida em acobertamentos internacionais de abusos infantis em suas congregações. Dei-me conta de que a comunidade está muito longe do ideal que afirma pregar e seguir.” (Sergio, 52 anos)</i>	Dissociado
<i>“Não acreditar mais no conjunto de crenças da religião.” (Lucy, 32 anos)</i>	Desassociada
<i>“Sistema muito autoritário” (Nicholas, 43 anos)</i>	Desassociado

Fonte: dados do questionário aplicado

Os achados são condizentes com os de Ramos (2021, p. 9-10), que estudou a desfiliação das Testemunhas de Jeová e concluiu como principal motivo para abandono da religião: a “perda da fé na doutrina (26.8%), discordância ou desilusão com a liderança (14.9%) e discordância com alguns regulamentos e obrigações (11.0%)”, em estudo quantitativo feito com 236 Ex-Testemunhas de Jeová do Brasil e Portugal. As categorias a seguir exploram os pormenores dessas vivências, com os relatos das experiências.

5.1 Vivências no grupo e as manifestações de internalização das crenças e regras

Esta categoria inicial se propõe a entender como as regras do grupo afetam a visão dos membros em relação a si próprios, ao grupo e ao externo. Assim como as consequências disso no seu comportamento e no meio social.

A visão do mundo, que aqui consta no sentido de apartado da religião (Barra, 2008), é destacada entre os participantes como um lugar negativo, perigoso, ligado a forças malignas e espiritualmente condenável. Nas palavras dos ex-membros sobre essa visão, quando na religião:

Como uma morte em vida. (Assis)

Promíscua, desonesta, desorganizada, sem moral. (Helena)

Era inconcebível imaginar uma vida fora da instituição. Tudo fora é propagandeado como negativo, ruim, corrompedor, pecaminoso, perigoso. A mera ideia de sair ou ser expulso da instituição equivale a morte física." (Sócrates)

Que eu seria destruído, perder a aprovação de Deus e perder os laços de amizade com os de dentro da seita. (George).

A partir do contexto religioso, a vida fora da religião era vista como perigosa e espiritual-mente prejudicial. O 'mundo' era constantemente associado a más influências, imoralidade e afastamento de Deus. Isso gerava medo e culpa em relação a qualquer envolvimento com pessoas, ideias ou práticas externas à religião. (Sol)

É ensinado às Testemunhas de Jeová que a vida fora da organização é estar apartado de Deus e correndo o risco de perder a salvação. O mundo é mau, dominado por Satanás e rumo para uma destruição que se aproxima perigosamente. (Sérgio)

Acreditava que todos que viviam fora da religião estavam sob o poder satânico e afastados de Deus, que teriam como destino a destruição eterna. Assim, a minha visão era que viver fora da religião era viver em pecado e sem esperança da salvação que a religião me prometia. Me parecia assustador e sem esperança viver fora da religião. (Lucy)

Pessoas perdidas sem esperança e não eram felizes. (Vicente)

Era encarado como uma vida totalmente a parte como dizem eles são separados do mundo. (Nicholas).

As palavras *morte* e *destruição* expressa nos relatos iniciais (Assis, Sócrates e George), contêm contornos de ameaça, que aqui abarca pelo menos dois sentidos: o de estar condenado à destruição espiritual, assim como a possibilidade de uma morte social (Mendes, 2023). A adjetivação negativa, é empregada de maneira taxativa, explorando o medo e a culpa. E servem de alicerce para a

manutenção de uma massificação de ideias, condutas e posturas que homogeneízam o grupo, se instalando individualmente como uma cultura partilhada entre todos (Bastos, 2024).

No comentário de Alan, é possível perceber, a divisão imposta aos membros, embora haja identificação com a cultura e o social, tais aspectos podem se constituir um risco a fé e ao elo grupal:

Minha relação com a vida fora da religião sempre foi ambígua. Eu era profundamente encantado por muitos dos 'produtos do mundo', como música, cinema, literatura e cultura pop em geral. No entanto, os dogmas da religião impunham regras rígidas sobre o que era ou não 'apropriado' consumir. A maioria das coisas que me empolgavam era direta ou indiretamente censurada, o que me levava a consumi-las em segredo, frequentemente acompanhadas por um sentimento de culpa. Um exemplo disso foi quando, na adolescência, me tornei fã da banda Iron Maiden — eu ouvia as músicas escondido, ao mesmo tempo feliz e com culpa. Fora do aspecto cultural, eu via a vida além das fronteiras da religião como perigosa, um território hostil onde só se deveria ir para garantir o sustento material e então voltar correndo para a segurança da religião. (Alan)

A ideia de lugar sagrado e de segurança em contraponto aos perigos e ameaças, coloca as pessoas em um tipo de separação que não é da ordem do real, visto que estas são instâncias simbólicas, ocasionando ações de fechamento e apartamento, que de forma bem organizada, emprega a coação e ameaça de punição como forma de evitar a dispersão (Freud, 2011). Ao mesmo tempo, como pontua Silva (2023), o comportamento é modulado pelos líderes religiosos (anciãos) e por extensão pelo próprio grupo, que deve reportar aos líderes sobre os desvios de conduta.

Como a religião só reconhece a si própria como via de ligação com Deus, as pessoas de outras religiões também são encaradas de uma determinada forma:

Como sendo pessoas que precisavam de ajuda ou simplesmente opositores. (Assis)

Como pessoas ingênuas, enganadas por outras religiões. (Helena)

Eu divido essa resposta em duas partes. No primeiro momento ao me batizar eu me portava como um Neófito. Acreditava que as pessoas vinculadas as outras instituições estavam sendo enganadas. Poderiam até ser sinceros mas estavam no caminho errado. Passados alguns anos e a ""fase do encanto"" eu notava ao conviver com pessoas com outra fé que elas eram pessoas boas. As vezes inclusive melhores cidadãos do que alguns com quem eu convivia. Então de intolerante eu me tornei alguém tolerante. (O que não seria bem visto na esfera TJ) (Sócrates)

Quando eu fazia parte da religião das Testemunhas de Jeová, qualquer pessoa que não pertencesse à mesma fé era considerada 'mundana'. Eu era ensinado a conviver com elas apenas quando estritamente necessário, pois eram vistas como uma potencial má influência. Havia raras exceções, geralmente pessoas que demonstravam simpatia ou interesse pela religião. Além disso, pessoas de religiões de matriz africana, como Umbanda e Candomblé, eram vistas de forma ainda mais negativa. Eu era levado a acreditar que aqueles que praticavam essas religiões estavam se envolvendo diretamente com o Diabo, tornando-se um caso ainda mais grave. (Alan).

Todos mundanos (George).

Quando eu fazia parte da religião, não mantinha contato com pessoas de outras denominações religiosas, exceto quando era estritamente necessário. A orientação era evitar proximidade com quem não fosse Testemunha de Jeová, então esse tipo de convivência era desencorajada. (Sol)

Para uma Testemunha de Jeová, pessoas de fora da comunidade são alienados de Deus, mundanos, pessoas que estão tomando partido do diabo e que fazem parte do mundo corrupto e condenado. Mesmo assim, como todas as Testemunhas de Jeová, eu fazia visitas de casa em casa, pregando e dirigindo estudos da Bíblia a fim de tentar convertê-las à doutrina, o que seria o único meio de salvá-las da destruição final no Armagedom, onde apenas Testemunhas de Jeová seriam salvas. Evidentemente, hoje tenho um conceito totalmente diferente. (Sergio)

Acreditava que todas estavam sendo enganadas pelo Diabo e por isso estavam em "religiões falsas" que as mantinham apartadas do Deus verdadeiro que somente poderia ser encontrado na religião Testemunhas de Jeová. (Lucy)

Eram pessoas enganadas pela religião falsa (Vicente)

Não podia conviver com pessoas de outras religiões e também não podia visitar religiões diferentes (Nicholas).

O contato *estritamente necessário*, mesmo com pessoas declaradamente religiosas, bem como a ligação do outro ao falso, opositor, engano e ao próprio diabo, são limitadores das possibilidades desse indivíduo, mesmo quando ele possa se ver diante de novas perspectivas. O espaço de vivências espirituais se restringe ao grupo, o fora disso é sinônimo de enganação, falsidade e morte, conforme os relatos das experiências. E a aproximação com o outro deve atender ao propósito da conversão à sua verdade (Bornholdt, 2009).

Como o processo de conversão às novas formas de pensar e valores emergentes levam a novas interações, reformulando seus enfoques sobre o que era conhecido e adotando uma nova narrativa inclusive sobre a própria história, disso surge uma nova identidade (Barra, 2008). Por essa diferenciação, em relação aos membros de outros grupos religiosos, e por extensão, de todos àqueles que não

professam as mesmas crenças, busca-se evitar o contato próximo para não se contaminar, a diferenciação marca a identidade em todos os sentidos (Bornholdt, 2009).

Essa postura de reforçamento da identidade por meio da negação do outro se manifesta em relação às outras pessoas, que não fazem parte da religião, de maneira geral, mesmo às do cotidiano como vizinhos, colegas de trabalho, colegas de escola e familiares (Silveira, 2016). Assim expressam os participantes acerca de sua visão, a partir do grupo, sobre tais pessoas:

Como má influência. (Assis)

Da mesma forma que eu encarava os desconhecidos. (Helena)

Como escrevi na resposta acima; no primeiro momento fui intolerante porque a narrativa dentro da instituição das Testemunhas de Jeová estimulam esse comportamento. Não ter amizade achegada. Conviver com eles apenas o estritamente necessário. Mas após uns cinco anos vi que eu estava sendo intolerante e estava agindo errado." (Sócrates)

Minha percepção das pessoas que não faziam parte da religião variava conforme o caso. Alguns amigos da escola ou do trabalho, com quem tive uma afinidade espontânea e genuína, sempre enxerguei com respeito e admiração, e desejava me aproximar mais. No entanto, eu me impunha bloqueios (inculcados pela religião) que dificultavam o desenvolvimento dessas relações, fazendo com que poucas realmente se aprofundassem. Já em relação ao restante das pessoas — como parentes, vizinhos, colegas de escola ou trabalho de maneira geral —, eu acabava sendo indiferente. Era como se vivêssemos em realidades diferentes. (Alan)

Que eu não podia ter amizade com tais. (George).

Apesar de manter o respeito por familiares, vizinhos e colegas de escola que não faziam parte da religião, eu era orientada a manter uma certa distância. A convivência era limitada e vista com cautela, já que nos ensinavam que más companhias poderiam enfraquecer a fé. Isso fazia com que, mesmo em situações de convivência, houvesse sempre uma barreira emocional ou espiritual. (Sol)

Uma Testemunha de Jeová é ensinada que os familiares que não se tornaram Testemunhas de Jeová e não simpatizam com a comunidade são más companhias e podem ser usados por Satanás para desencaminhar os adeptos. Assim, é comum que fiéis se afastem de amigos e familiares próximos, ou tente convertê-los. No meu caso, como já era adulto ao me tornar membro desse grupo, tinha um bom relacionamento com familiares e amigos de fora, porém, o afastamento é inevitável; eu acabei convertendo familiares e amigos, sendo que alguns se afastaram e outros ainda continuam na organização. (Sergio)

Encarava todos como pessoas que estavam apartadas de Deus e que por esse motivo não seriam boas companhias para mim. (Lucy)

Contato era frio sem profundidade por conta da religião. (Vicente)

Tinha uma convivência limitada com outras pessoas principalmente em datas comemorativas já que as testemunhas de Jeová não celebram tais datas tipo aniversário natal entre outras (Nicholas).

A religião por si só traz limitações à convivência social, conforme pontuado pelo participante Nicholas, não se comemora aniversários e feriados como natal, ano novo, páscoa, dia das mães, dentre outros, limitando o convívio social. Além disso, a divisão entre boas e más companhias, categoriza quem merece ou não abertura para uma convivência mais próxima. Há uma separação, que passa do simbólico à prática em um movimento de distinção, uma “dualidade dentro-fora, nós-eles, parte ou não parte” (Silva, 2023, p.16). Isso é institucionalmente incentivado e individualmente internalizado, refletindo-se na conduta de questões práticas da vida, como na formação acadêmica e trabalho, bem como no social e cultural:

As proibições da religião me atrapalharam, principalmente quando fui professora, porque não podia realizar tarefas inerentes ao meu cargo quando se tratava de atividades ligadas a datas comemorativas. Na escola, igualmente. Em ambas as situações, tive prejuízos sociais e exclusão. (Helena).

A instituição desestimula que os membros busquem estudo. Estudo universitário era algo demonizado! No máximo um curso técnico porque é algo mais rápido e não toma o tempo das reuniões e outras atividades relativos a instituição. Inclusive em 2009/2010 eu fiz um curso técnico que foi cortar o cordão umbilical. Eu voltei do curso ""outra pessoa"". Meus olhos se abriram nesse tempo." (Sócrates).

Antes do rompimento, eu via a escola apenas como uma obrigação, um ambiente onde precisava manter certa distância dos colegas. Além disso, nem a religião nem minha família incentivavam os estudos como um meio para alcançar um bom emprego, pois essa ambição era vista como 'gananciosa'. Isso acabou gerando um cenário de comodismo, no qual também não levei os estudos a sério.. (Alan)

Antes do rompimento, minha relação com estudos e trabalho era limitada. A prioridade era sempre a religião, e qualquer objetivo pessoal vinha em segundo plano. Sonhar alto ou investir em uma carreira era, muitas vezes, visto como falta de espiritualidade (Sol).

Quando se é Testemunha de Jeová, o estudo e a educação superior é demonizado como perda de tempo e falta de senso de urgência. Eu abandonei a escola pois me diziam que o fim estava tão próximo que investir em uma formação era perder tempo. Felizmente eu consegui aprender o suficiente para ter uma profissão e sustentar a família sempre crescente. Não era fácil. (Sérgio).

Antes do rompimento era muito difícil me dedicar aos estudos e ao trabalho, pois a religião pregava que esses não deveriam ser centrais na nossa vida, mas apenas instrumentos para conseguirmos o sustento necessário para que conseguíssemos nos manter realizado as nossas atividades religiosas. Eu sentia muita vontade de estudar mas era frequentemente desincentivada por conselhos e críticas de outros membros a priorizar os estudos de alguma forma. Assim, sempre que eu focava um pouco mais nos estudos me sentia muito culpada. (Lucy).

Trabalho e estudo era reduzido para não atrapalhar reuniões e isso causava aperto financeiro (Vicente).

Lá eles não incentivam os estudos, o que falam e que devemos priorizar as atividades da organização e ter cuidado para os estudos não atrapalharem ou dar prioridade para os estudos (Nicholas).

Diante dos relatos, é perceptível a centralidade na vida religiosa das Testemunhas de Jeová, onde forma-se uma “massa psicológica”, que segundo Le Bon (2022, p.13) provoca um apagamento da individualidade, unifica e assemelha esses indivíduos em uma “espécie de alma coletiva” levando-os a pensar, sentir e agir de maneira coletiva. De modo que as prioridades são sempre as do grupo, e acentua-se uma urgência cada vez maior de envolvimento nas atividades, que como pontuado por Carvalho (2025), são programadas como parte de uma rotina extensa, limitando ao máximo o tempo gasto com questões ou interesses pessoais.

A religião é um importante instrumento de legitimação, construída coletivamente e isso define a realidade social do grupo, negar essa realidade pode acarretar consequências sociais e psíquicas, pois corre-se o risco de cair em um estado de isolamento simbólico, onde se torna difícil sustentar, sem respaldo do coletivo religioso, uma visão alternativa do mundo (Berger, 1985).

Portanto, a configuração restringe as pessoas ao convívio grupal, impondo bloqueios a quem ou ao que possa representar risco à relação religiosa, criando barreiras emocionais e relações superficiais com quem está fora do grupo, favorecendo ao fechamento grupal e alienação social e cultural (Le Bon, 2022). As consequências disso são mais notórias e impactantes no momento da ruptura.

5.2 Impactos do afastamento sobre a construção da identidade psicossocial

Nesse ponto, a partir do fechamento apresentado pelo grupo, explora-se o momento do rompimento e os impactos sobre o sujeito e sobre a sua identidade. Os relatos seguintes exploram a resposta mais geral e imediata do grupo ao dissidente e os efeitos que isso teve sobre esse sujeito:

Eu repudiei qualquer contato espiritual com eles, eu não sofri porque havia uma outra dor superior, a dor de se sentir traído pela minha ex-esposa. (Assis).

O grupo passou a me tratar com profundo desprezo. Isso fez com que eu desenvolvesse um preconceito a respeito de fiéis de qualquer religião. (Helena).

"Eu brinco que sou igual o Gato de Schrodinger. O Físico Edwin Schrodinger brincava sobre esse gato que estava em estado de sobreposição. Vivo e morto ao mesmo tempo. Eu estou vivo para os irmãos e irmãs da base da pirâmide hierárquica e morto para os do topo da mesma hierarquia. Novamente; esse fato me ajuda. Muitos sofrem com o isolamento social. É desumano tratar um ex-membro como um leproso ou um criminoso. E esse é o tratamento dado dentro da instituição aos ex-membros. Parece que tratar mal os ex-membros é um ""sinal de zelo."" Fervorosos defensores das leis de YHWH.(Eu me recuso a usar o nome que eles usam ao deus deles)" (Sócrates).

Após minha desassociação, todos no grupo deixaram de falar comigo. A única exceção foram três amigos muito próximos, que também não concordavam mais com os dogmas, mas permaneciam calados para evitar represálias. Eles continuaram mantendo contato comigo em segredo, com medo de serem descobertos. Naquele período, eu estava envolvido e empolgado com um novo emprego, o que acabou servindo como uma espécie de substituição. De certa forma, meu trabalho se tornou minha 'congregação', preenchendo parte do vazio deixado pelo afastamento do grupo. Mas como resultado posterior, tive um burnout. (Alan)

Como respondi anteriormente, fui tratado como leproso endemoniado e esquizofrênico por não concordar. Me chamaram de apostata. Senti muita raiva e tristeza no começo mas depois senti muita paz. Precisei fazer terapia. Eu senti que precisava avisar quem estava lá dentro que eles estavam em uma "matrix". Isso gerou vários avisos em diversas congregações nas quais eu pisei. (George)

O grupo, de forma geral, passou a me tratar com indiferença e distância. Pessoas que antes conviviam comigo diariamente passaram a me evitar completamente, como se eu representasse algo errado ou perigoso. Esse tipo de rejeição foi muito difícil de suportar. Me afetou profundamente, trazendo sentimentos de culpa, abandono e solidão. Por um tempo, me questionei se tinha feito algo tão grave assim para merecer ser tratada dessa forma. Foi um período de muita dor emocional e reconstrução interna. (Sol).

Uma vez que me tornei crítico, militando contra a opressão religiosa e expondo-a publicamente através de meus canais na internet, passei a ser encarado como opositor e apóstata, alguém perigoso que deve ser evitado pelos fiéis.(Sergio).

As pessoas do grupo pararam de falar comigo, mudavam de lado da rua quando me viam, fingiam não me ver. Após postar sobre coisas que não concordava com a religião nas redes sociais, alguns membros ativos da religião passaram a me atacar, inclusive pessoas que antes faziam parte do meu ciclo de amizades. De início isso me causou bastante ansiedade, tristeza e um sentimento de perda, pois praticamente todo o meu convívio social se resumia a membros da religião. Senti como se o meu direito de escolher a minha religião e minhas crenças não estivesse sendo respeitado. (Lucy)

Ignorar. Tratamento de invisibilidade, inicialmente triste e com medo de encontra-los (Vicente)

Onde eu encontrava alguém fingiam não ter me visto, mas eu sabia que iria ser assim (Nicholas)

As falas dos participantes evidenciam o ostracismo institucional como resposta imediata ao rompimento, revelando um padrão sistemático de rejeição social e emocional, expressando indiferença, desprezo, exclusão até a completa extinção das interações sociais. Termos como *“tratamento de invisibilidade”* (Vicente), *“apóstata”* (George, Sergio), *“fingiam não me ver”* (Nicholas) e *“mudavam de lado da rua”* (Lucy) indicam que o isolamento é utilizado e normatizado dentro do grupo religioso como forma de punição e essa expressão é recompensada dentro do grupo (Sócrates) (Bornholdt, 2009). Perceber ser tratado como um *“leproso ou um criminoso”* (Sócrates) ou *“leproso endemoniado”* (George) são expressões que indicam os julgamentos morais sofridos. De acordo com Mendes (2001), os estigmas contribuem para a atitude de afastamento.

Além do impacto social do rompimento abrupto e coletivo, há consequências emocionais relevantes nos participantes, como sentimentos de ansiedade, tristeza, culpa, solidão e até burnout (Alan). A visão de perigo que o grupo expressou sobre o mundo e o outro, é sentida de forma consciente, por quem fez essa travessia e agora está fora: *“como se eu representasse algo perigoso”* (Sol).

Ao mesmo tempo, observa-se a formação de uma resistência crítica e o surgimento de novas interpretações (Sócrates e George). Assim, o desligamento do grupo religioso produz efeitos que ultrapassam o campo espiritual, configurando um processo de rompimento identitário e de *“violência simbólica”* (Bourdieu, 1989, p. 11), conforme interpretado a partir da perspectiva dos próprios sujeitos.

Quando consideramos pessoas mais próximas como familiares e amigos, é possível observar que mesmo diante de laços mais fortes, a resposta encontra correspondências com o que é próprio ao grupo. Quando questionados sobre a existência de laços afetivos e sua condição a após o desligamento, os participantes responderam:

Sim, um irmão, não sofri ostracismo diretamente porque mudei de cidade. (Assis).

Sim. Passei a ser tratada como algo repugnante, como um cachorro doente, portador de uma doença altamente contagiosa. Me senti abandonada, sem raízes. (Helena)

Metade da minha família é de pessoas ativas dentro da instituição. Alguns lá estão a décadas! Mas como eu não sai da instituição por conta de *“algum pecado”* eles me tratam igual. Inclusive sonham com meu retorno triunfal porque esse tipo de história aparece muito dentro das publicações e vídeos

da instituição. Confesso que ter minha família me ajuda muito na minha determinação em não retornar nunca mais ao ambiente religioso. Muitos cedem a pressão por se sentirem isolados/ostracizados. (Sócrates).

Sim, ainda tenho familiares e conhecidos no grupo religioso. No início, quando apenas me afastei sem expressar abertamente minhas discordâncias, passei a ser alvo de comentários negativos pela maioria, embora os mais íntimos tentassem manter contato, ignorando minhas queixas. No entanto, quando fui oficialmente desassociado, perdi completamente o contato com praticamente todas as pessoas com quem convivi por mais de 20 anos. Minha relação com minha mãe, que apesar de não ter cortado os vínculos comigo, mudou de afetuosa para fria e distante. Na época, fiquei emocionalmente devastado, sentindo o peso da perda de toda minha rede de convivência. Ainda assim, a empolgação de finalmente me sentir livre me manteve de pé. (Alan)

90% das pessoas que eu conhecia eram da seita. Após o rompimento fui tratado como leproso, endemoniado e esquizofrênico. Por um lado uma tristeza profunda por perder "amigos" de infância e por outro um alívio de não pertencer mais à isso. Vi o mundo diferente. Parece que saí de uma prisão (mental). (George).

Sim, minha família e meus amigos mais próximos faziam parte do grupo religioso. Quando me afastei, fui tratada como se não existisse mais. O silêncio e o afastamento foram extremamente dolorosos, principalmente vindo de pessoas que eu amava e confiava. Me senti sozinha, rejeitada e com um vazio enorme no peito, como se tivesse perdido uma parte de mim. Foi um luto silencioso, por relações que ainda existiam, mas que não podiam mais ser vividas. (Sol).

Tenho vários familiares ainda nesta organização, alguns que infelizmente eu contribuí para que entrassem. Quando decidi sair, minha família imediata foi desestruturada e o casamento entrou em colapso. Com excessão de alguns, o contato foi cortado e sofri o ostracismo que é comumente aplicado aos que saem, independente se por parte de familiares na seita ou não. O divórcio veio depois de algum tempo. Isso causou em mim depressão e insegurança. Felizmente, tenho conseguido prosseguir com certo otimismo. (Sergio)

Sim. Tinha apenas uma irmã que saiu da religião na mesma época que eu e alguns primos distantes que deixaram de falar comigo após o rompimento com a religião. Me senti um pouco revoltada mas essas pessoas em específico já não eram do meu convívio rotineiro. (Lucy)

Tinha amigos, 90% me bloquearam contato e alguns falam mas com restrição e de forma escondida. (Vicente)

Sim tinha amigos na religião e somente esses, porque não podia fazer amizades com pessoas fora da religião. Depois que sai perdi o convívio com todos, me senti isolado porque não tinha amigos de fora da religião e pelas amizades que perdi. (Nicholas)

O foco em núcleos de convívio menores e próximos, como família e amigos, reafirma e dimensiona a categoria do ostracismo religioso como prática institucionalizada que por vezes se sobrepõem a essas relações. Tais atitudes nesse contexto são um indicativo da profundidade da internalização dos dogmas religiosos. Os participantes narram o rompimento das relações com familiares e amigos como

um processo traumático, excludente e frequentemente silencioso, caracterizado por atitudes como ignorar, excluir, romper contato ou manter apenas interações frias e protocolares, assim como é comum com quem está fora do grupo. Helena descreve o sentimento de ser tratada como “*um cachorro doente*”, e Sol menciona um “*luto silencioso*” por laços que ainda existem, mas se tornam inconsistentes. Mesmo quando não há um corte explícito, há uma transformação drástica na relação que passa a ser marcada pela frieza, desprezo e distanciamento (Sergio e Alan).

Embora alguns dos participantes tenham conseguido reinterpretar esse isolamento como libertador (Sócrates e George), a maioria dos depoimentos aponta para um profundo sentimento de perda, rejeição e ruptura identitária. Aqui se sente mais fortemente as consequências de ter restringido a vida social ao grupo, o que contribuiu para a sensação de vazio e desorientação após a saída (Nicholas, Vicente e Lucy). O psicossocial atravessa a formação da identidade, de forma que *self* (si mesmo), está tão permeado por essas relações, que a morte social também mata parte do *self* (Willian, 1977 apud Dalgalarondo, 2009).

O desligamento do grupo não representa apenas uma mudança de crença, mas uma quebra violenta de pertencimento social, com consequências significativas para a saúde mental e emocional dos indivíduos (Carvalho, 2025). A fragilização dos vínculos e ostracismo são uma importante marca desse momento de passagem ao desligamento, mesmo em núcleos de convivência mais íntimos como familiares e amigos. Esse processo, fragiliza também a identidade, já que até então, estava vinculada a este pertencimento e em função do reconhecimento do outro. Quando esse reconhecimento é retirado, há uma ameaça a memória que o sujeito tem de si mesmo, comprometendo o processo de autoidentificação (Berger, 1985). O retorno ao grupo, também apresenta os seus desafios, quando perguntados sobre experiência dos participantes em tentar frequentar as reuniões do grupo novamente, relataram:

Sim 5 vezes, como visitante, minha experiência e tratamento não foram ruim, mas as pessoas que falaram comigo nessas ocasiões, tenho certamente sofreram represálias. (Assis).

Na minha primeira saída, eu fui desassociada. Na segunda, eu me dissocieei. Quando estive desassociada, fui obrigada por meus pais a voltar a frequentar a religião, sob pena de ser expulsa de casa, então, tive que frequentar o salão do reino das TJ. Foi uma experiência extremamente desagradável, pois tive que me humilhar para ser aceita novamente. Fui tratada com profundo desprezo pelos fiéis da seita. Fui difamada diversas vezes e meu nome era um dos assuntos das fofocas deles. Durante esse

período, meu pai faleceu, após uma cirurgia sem sangue. No velório dele, eu fui tratada como lixo. As TJ davam os pêsames para todos, me "pulavam" e continuavam dando os pêsames aos outros, menos para mim. Eu estava de luto e fui tratada da maneira mais cruel e desumana possível por eles. O ancião deles ficou feliz com a morte do meu pai, por motivos de disputa de ego. A alegria dele era algo estampado na cara. Durante o velório, as duas filhas deles davam gargalhadas altas do lado de fora do salão. Ao ponto que um ex-colega de escola foi lá pedir para que elas tivessem respeito. (Helena)

Não. Nunca retornei a instituição. Mas confesso que nem gosto de passar em frente ao locais. Vejo a instituição como um grupo de controle mental e isso me incomoda." (Sócrates).

Fui ao Salão do Reino em cerca de três ocasiões após minha desassociação, e nenhuma delas foi uma experiência agradável. Além dos olhares curiosos e julgadores de todos, o que mais me impactou foi a forma como passei a enxergar os ensinamentos. Distanciado da religião, percebia com mais clareza os absurdos que antes soavam normais, e agora pareciam gritar. (Alan).

Eu saí e 2008 então há 17 anos que não piso em um salão do reino. Eu já fui desassociado 2 vezes antes de sair de vez. Eu senti muita falta de amor e de educação pois ninguém me dava um simples boa noite. Ninguém falava comigo. Tinha que ir sem falar com ninguém. (George).

Não, eu não tentei voltar ao Salão do Reino após a minha desassociação. Eu já não via mais sentido na religião, e naquele momento, percebi que não fazia mais parte de mim. Além da forma como fui tratada, minha visão sobre os ensinamentos e práticas já havia mudado profundamente. Voltar não era uma opção, porque eu já não acreditava mais naquilo. (Sol)

Não. Após minha saída, nunca mais voltei a frequentar ou visitar qualquer reunião dessa comunidade. (Sergio)

Não, nenhuma vez. Já sabia do ostracismo que os ex-membros sofriam ao frequentar o Salão do Reino e não estava disposta a passar por isso. (Lucy)

Não. Nunca mais fui. (Vicente).

Não tentei porque eu comecei a conhecer outras religiões, foi esse um dos motivos de eu sair também, para saber como eram outras crenças (Nicholas).

As respostas apontam para dois tipos distintos de conduta entre os participantes: aqueles que tentaram retornar ao Salão do Reino das Testemunhas de Jeová após a dissociação/desassociação e aqueles que optaram por não voltar mais. Para o primeiro grupo, o retorno foi marcado por experiências negativas, como o ostracismo, o desprezo e o julgamento silencioso ou explícito por parte da comunidade, o que resultou em sofrimento emocional, sentimento de humilhação e reafirmação da ruptura com a fé anterior (Helena e Alan). Já o segundo grupo, que é a maior parte, decidiu não retornar, mostrou uma postura de rejeição à instituição, geralmente motivada por mudanças profundas na visão sobre os ensinamentos, pelas experiências vividas ou pela compreensão do ambiente como controlador e

excludente. Para esses, a recusa em retornar funcionou como um mecanismo de autopreservação emocional e afirmação de uma nova identidade fora do grupo religioso (Carvalho, 2025; Silva, 2010). Em ambos os casos, os impactos psicológicos são evidentes, embora se manifestem de formas diferentes - em um, pelo confronto direto com a exclusão; no outro, pela evitação e reconstrução de sentidos fora da antiga crença (Mendes, 2021; Silveira, 2016).

Todas essas vivências sob regras rígidas, e considerando-se o longo tempo de permanência, que conforme apresentado no início desta seção – está na média de 18 anos, pode impactar sobre o sujeito e na forma como virá a experienciar o novo. Quando pedido que falem sobre alguma possível dificuldade na vida fora do grupo os participantes respondem:

Me libertar dos gatilhos mentais e sentimento de culpa, superar a perda da auto estima e depressão. (Assis).

Recomeçar a vida social do zero. Sentir-se desorientada, decepcionada, enganada. O mesmo sentimento de quem acabou de descobrir que foi vítima de um golpe. (Helena).

Não há no meu caso. (Sócrates).

Lidar com a solidão em alguns momentos e a dificuldade de criar e estabelecer conexões profundas. Além disso, ainda enfrento ansiedade social em certos ambientes, como se alguns estigmas da religião continuassem ecoando dentro de mim, enraizados no subconsciente (Alan).

Fazer novas amizade e isso até hoje. (George).

Minha maior dificuldade em relação à vida fora do grupo foi não ter mais a presença e o apoio dos meus pais. Eles continuam na religião e, por isso, nosso vínculo se tornou distante. Sinto falta do amor, da convivência e das conversas simples do dia a dia. É muito difícil saber que, por uma escolha de fé, perdi a conexão com as pessoas que mais amo.(Sol).

Quando me tornei Testemunha de Jeová, eu já era adulto. Ao sair, não tive muita dificuldade como alguns que nascem em famílias de Testemunhas de Jeová, sem ter a oportunidade de conviver muito com pessoas de fora e conhecer outros credos e confissões. O fato de sempre ter mantido amizades com pessoas de fora me foi muito útil na readaptação. (Sergio).

Voltar a fazer amizades, pois amizades que duraram sete anos da minha vida foram rompidas em um instante e isso me gerou uma certa dificuldade em confiar que as amizades podem ser verdadeiras e duradouras e que não se romperão quando eu causar desagrado aos amigos. Além disso, tive dificuldades em socializar, pois não tinha mais amigos ou convívio com pessoas de fora da religião e nem sabia bem como me portar em situações sociais com pessoas que não eram da religião. (Lucy).

Refazer amizades, refazer rotina e mudar alguns pensamentos formatados pela religião (Vicente).

Tive que mudar os planos para minha vida, a vida fora da organização e outra totalmente diferente. Para os que não conhecem o que é estar lá, ali pra você só é permitido o que se encaixa não termos deles, eles se proclamam ser a única verdade e a verdade absoluta sobre tudo você não pode contestar o que é certo ou errado e concordar com coisas absurdas como a questão sobre transfusão de sangue que não é permitido. Lá você não tem voz. (Nicholas)

Embora um dos participantes afirme que isso não o afetou, os demais apresentam diversas questões, com fortes impactos, em especial no que tange aspectos sociais, familiares e emocionais. As barreiras sociais e relações superficiais com quem estava fora do grupo foi a regra por anos, agora há o desafio de uma (re) entrada nesse mundo, que até então era hostil, perigoso, como já pontuado anteriormente. O distanciamento afeta a socialização e a própria autoestima. Segundo Pereira (2020), inicia-se uma peregrinação em busca de nova aceitação social.

Nos aspectos como socialização, muitos relataram dificuldades em refazer amizades, reconstruir a vida social, adaptar-se a uma nova rotina e isolamento de outras crenças ou grupos. Há um sentimento comum de perda, tanto de vínculos afetivos - como pais ou amigos que permaneceram na religião, quanto de referências sobre si mesmos e o sobre o mundo. Silva (2023, p.10), que estuda o luto desse processo, fala que “romper com esse emaranhado sócio-religioso-espiritual-familiar pode significar perder a forma com a qual se compreende o mundo e perder também o próprio mundo que se conhecia.”

Emoções como culpa, solidão, baixa autoestima, ansiedade social e a sensação de estar desorientado foram recorrentes, indicando os efeitos profundos da quebra com uma estrutura de pensamento e pertencimento fortemente internalizados. Mesmo que alguns tenham lidado melhor com a transição, as marcas deixadas pelo tempo de permanência no grupo continuam presentes, exigindo um processo contínuo de reconstrução pessoal, emocional e relacional.

Tais dificuldades podem representar um empecilho a vivência de outras importantes experiências, em especial quando relacionada a algo que a religião proibia antes, visando entender a existência de resquícios de domínio da religião, perguntou-se como os participantes se sentiram diante de tais situações:

Foi difícil comemorar aniversários, dançar e principalmente visitar outras denominações (Assis)

Senti alívio por poder fazer, ao mesmo tempo que me trouxe dor lembrar de tantos anos perdidos lá dentro. Não há nada que eu não faça hoje em decorrência da religião. (Helena).

Pra mim me relacionar afetivamente com pessoas ""do mundo"" é um ato de afirmação. Auto afirmação. (Sócrates).

No início, quando meus valores ainda condiziam com a ideologia da religião, qualquer pequeno deslize me fazia sentir uma culpa extrema. Foi nessas ocasiões que, ainda jovem, tive minhas primeiras crises depressivas, embora mais brandas na época. Já na vida adulta, quando realmente me afastei e fui desassociado, essa culpa desapareceu. Passei, então, por um período de experimentações, uma espécie de ""efeito rebote"" de tentar viver tudo não vivido em pouco tempo. Embora a lista de proibições na vida de uma TJ seja longa, não existe nada que eu não me permita fazer hoje conscientemente. Procuro levar uma vida equilibrada dentro do que julgo coerente. Entretanto, meus aniversários eu normalmente não comemoro. Mas isso eu atribuo mais a falta de hábito do que a ter algum resquício de bloqueio dogmático. (Alan).

Eu fiz tudo que eu poderia e tinha vontade. Eu senti muita liberdade. (George).

A princípio, me senti muito culpada ao fazer coisas que antes eram proibidas pela religião. Mesmo atitudes simples, como comemorar algo ou me permitir certos prazeres da vida, vinham acompanhadas de medo e sensação de estar fazendo algo errado. Até hoje, tenho dificuldade em participar de comemorações como aniversários, Natal e Carnaval. Por mais que eu entenda que não há mal algum nessas datas, ainda sinto um desconforto interno, como se algo me travasse por dentro. (Sol).

A princípio, há um misto de curiosidade e apreensão, pois os gatilhos e medos implantados são fortes e condicionam os adeptos, mesmo os que se afastam conscientes. Por outro lado, como eu tinha conceitos um pouco diferentes dos dogmas da seita com relação ao mundo, até mesmo devido o fato de ter crescido no "mundo" por assim dizer, me possibilitou experimentar a liberdade e ter experiências que antes poderia considerar como pecados, como fumar um charuto, visitar igrejas da cristandade e outros grupos religiosos e espiritualistas, participar nas políticas e ter uma atitude de respeito e aceitação às minorias homoafetivas. (Sergio).

Bem de início me sentia culpada por fazer coisas que antes me eram proibidas. Após um tempo q sensação passou a ser de gratidão por ter livre arbítrio para fazer escolhas e não somente o que a religião mandava fazer ou proibia. Atualmente não há nada que eu não faça por causa da religião. (Lucy).

Sensação estranha. Como fosse algo ruim. (Vicente).

Mesmo que eu faça coisas não permitidas pela religião, fosse sai de lá acostumado a seguir as regras de dentro da organização, devesse levar em conta que foram anos de doutrina, você sabe que é normal participar, mas seu subconsciente fica dizendo para você que é errado devido a tanto tempo que você acreditou que o que eles ensinam está certo. (Nicholas).

A passagem para novas vivências, na maioria dos casos, marcadamente estabeleceu-se através de conflito interno, culpa, estranhamento, desconforto e sensação de estar "*fazendo algo errado*" (Sol). O desconforto foi expresso em

diversos relatos, mesmo diante de coisas simples como comemorar aniversário, carnaval, natal, dançar ou visitar outra denominação religiosa (Assis e Sol). A consciência racional de que essas práticas não eram moralmente erradas, não foi o suficiente para sair do controle internalizado⁵. A culpa, enraizada por anos de doutrinação, apareceu como um reflexo automático, dificultando a vivência plena da liberdade recém-conquistada (Nicholas). Isso condiz com a forte ideologia, que conforme Le Bon (2022) corre na massa psicológica, onde os indivíduos são dominados por suas atitudes inconsciente, que é uma unidade psicológica formada pela massa.

Por outro lado, alguns diante de tal consciência, relataram um verdadeiro efeito rebote, marcado por uma busca intensa por experimentar aquilo que lhes foi negado durante anos. Expressaram um sentimento crescente de alívio, gratidão e reconstrução da autonomia, percebendo suas escolhas atuais como um ato de autoafirmação e libertação. Assim, a vivência pós saída se mostra ambivalente — entre os ecos do controle e o processo gradual de retomar a liberdade de ser e de fazer (Erthal, 2013).

Uma vez constatada essa ambivalência do processo de retomada da vida fora do grupo, pensou-se a possível implicação das experiências grupais na tomada de decisões acerca da própria vida, ao que os participantes responderam existir ou não e quais:

Sim no namoro. (Assis)

Não. (Helena).

"Não. Eu saí decidido a não trazer traços Tejotanos. (Sócrates).

Sim tive muita dificuldade no processo do divórcio. A relação já não fazia sentido mas foi nesse ponto em especial que toda a toxicidade de uma criação cristã extremamente fundamentalista veio a tona e me trouxe a primeira grande crise depressiva. (Alan).

Logo após a saída, eu me senti desorientado no mundo pois vivi na seita desde que nasci. Então sim. (George).

Sim, senti muita dificuldade ao tomar decisões depois que saí do grupo. Tudo parecia novo, como se eu estivesse descobrindo o mundo pela

⁵ Conforme Foucault (2013, p 143), a disciplina atua transformando multidões “confusas, inúteis ou perigosas” em “multiplicidades organizadas”, por meio de estratégias de controle que moldam comportamentos e subjetividades. No contexto das Testemunhas de Jeová, esse controle se manifesta na organização rígida dos membros e na internalização de normas que regulam não apenas as ações externas, mas também os pensamentos e sentimentos. Trata-se de um tipo de vigilância contínua que, uma vez incorporada pelo indivíduo, torna-se autoimposta, levando muitos ex-membros a continuarem sentindo culpa ou medo mesmo após o desligamento formal do grupo.

primeira vez. Eu não entendia como as coisas funcionavam fora dali, desde questões práticas do dia a dia até escolhas maiores sobre minha vida. Passei muito tempo me sentindo perdida, com medo de errar ou de ser punida por fazer escolhas por mim mesma. Era como reaprender a viver, mas sem uma base, sem referências. Aos poucos, fui construindo minha autonomia, mas o começo foi confuso e solitário. (Sol).

Pode ser que sim, não me dei conta disso. Geralmente eu protelo ao tomar decisões e às vezes acho difícil fazer isso, principalmente se estas podem afetar outras pessoas próximas negativamente. Porém, me esforço o máximo para que as decisões sejam taxativas. De qualquer forma não sei se o tempo na seita afetou essa minha capacidade. (Sergio).

Sim, pois passei sete anos em uma religião que me dizia como me vestir, com quem socializar, como deveria gastar meu tempo livre, o que eu deveria ler ou não...enfim, cada aspecto da minha vida era decidido pela religião e ao mesmo tempo que isso era cômodo, gerava muita culpa por as vezes não ter vontade de fazer o que me era imposto. (Lucy).

Não lembro.(Vicente)

Pelo contrário hoje ele sinto mais preparado para tomar decisões porque sair de lá já foi uma grande decisão (Nicholas).

Nesse quesito, a maioria dos participantes relata que houve impacto direto na capacidade de tomar decisões e lidar com a autonomia pessoal, afetando diferentes áreas da vida, como namoro (Assis). Há relatos de sentir-se perdidos, inseguros e até amedrontados diante da necessidade de fazer escolhas por conta própria, como se tivessem que reaprender a viver sem a segurança da religião que guiava as escolhas, ditando o certo e o errado, condicionando a tomada de decisões ao passo que moldava a vida, resultando em culpa, confusão e crises emocionais. Mesmo escolhas simples, como relacionamentos, vestimenta ou uso do tempo livre, se tornavam complexas, pois estavam antes submetidas a regras rígidas da religião (Lucy). Mendes (2023) descreve como a promessa de felicidade e a segurança oferecida pela religião são empregados como forma de suprimir aspectos individuais como a autonomia. O que leva a uma espécie de planejamento (Bastos, 2024). Para Sartre (1997) a liberdade de escolha é geradora de inquietação e angústia existencial, até porque tais escolhas constituem a essência do indivíduo e seus próprios valores.

As diferentes formas de enfrentamento entre os participantes, sugere que a intensidade do impacto pode variar de acordo com o grau de envolvimento e internalização das normas do grupo. De modo geral, a reconstrução da autonomia após a saída foi descrita como um caminho difícil, mas também necessário para a redescoberta de si mesmo (Erthal, 2013).

Numa tentativa de entender melhor os impactos psicológicos, foi perguntado se aos participantes tinham algum transtorno psicológico, e no caso de haver, se os sintomas iniciaram-se antes, durante ou após o desligamento, ao que responderam:

Não tenho nenhum, superei tudo, perdoei todos. (Assis).

Sim, TEA e TDAH diagnosticados. Tive muita ansiedade enquanto estive lá dentro, bem como ideação suicida inúmeras vezes. Também tive muita ansiedade ao sair, fiz uso de algumas medicações. Hoje, não tenho mais ansiedade fora do controle e não faço mais uso de ansiolíticos. (Helena).

Confesso que na minha saída saí muito chateado com as coisas que vi e ouvi dentro da instituição. Mas me restabeleci plenamente ao fazer uso do chá da Ayahuasca. No dia que fiz uso a pessoa que me recebeu me deu um conselho: "Tudo que não for seu (e que está te fazendo mal) deixe aqui." "Nesse dia eu resolvi qualquer (re)sentimento em relação ao meu passado Tejoteco." (Sócrates).

Sim. Já tive períodos em que a ansiedade era mais predominante e outros em que a depressão se destacava. Os sintomas começaram na infância, mas se agravaram significativamente após toda a série de eventos resultantes do meu desligamento. (Alan).

Tenho TDAH, depressão que sou tratado com terapia e medicamentos. Voextor e Atentah. Antes de sair eu tinha muito mais depressão quando ainda estava na seita. (George).

Sim, desenvolvi transtornos psicológicos após o desligamento da religião, principalmente ansiedade e sintomas depressivos. O trauma do abandono, o sentimento de culpa e o isolamento social tiveram um peso enorme na minha saúde mental. (Sol).

Sim, às vezes tenho momentos de ansiedade, depressão e melancolia, dificuldades de visualizar um futuro melhor, sentimentos de inutilidade; porém, minha mente é lógica e racional; não sou dependente de ansiolíticos e consigo conviver com isso, tendo uma vida relativamente normal. (Sergio).

Sim, ansiedade. Os sintomas começaram quando eu ainda fazia parte da religião. (Lucy).

Hoje não mais. Tive na época de religião até saída (Vicente).

Já tive problemas sim, mas hoje estou bem porque na vida quando você aprende sobre o que realmente importa e difícil se deprimir, não me dou o luxo de me deprimir, para alcançar meus propósitos, preciso estar bem. (Nicholas).

As respostas revelam que a vivência dentro da religião e o processo de desligamento tiveram um impacto profundo também sobre a saúde mental dos participantes. Muitos relataram ter desenvolvido ou intensificado quadros de ansiedade, depressão, melancolia e sentimentos de inutilidade, tanto durante a permanência na organização quanto após a saída. Em alguns casos, os sintomas começaram ainda na infância e se agravaram com a ruptura, refletindo o peso

psicológico do isolamento social, da culpa e da sensação de abandono. O uso de medicamentos e acompanhamento terapêutico foram mencionados como necessários em diversos momentos, demonstrando a gravidade dos transtornos enfrentados. Para Silva (2023), um fator que pode aumentar a angústia e gerar mais sofrimentos e vulnerabilidade é o não reconhecimento do luto no momento de ruptura, seja pelo desconhecimento social da situação, seja pela perda do que seria a rede de apoio nesse momento, como familiares e amigos, gerando uma sensação de “não-lugar” e “não pertencimento”.

No entanto, novamente é possível observar um movimento de resiliência e superação, com participantes relatando melhora significativa ao longo do tempo. Alguns afirmam não apresentar mais sintomas relevantes, destacando que conseguiram elaborar emocionalmente suas experiências e seguir em frente. Ainda assim, os relatos confirmam que o desligamento de um grupo religioso altamente controlador pode deixar marcas emocionais profundas, exigindo tempo, suporte e esforço consciente para restaurar o equilíbrio psicológico e resgatar a autonomia emocional.

Esses resultados são condizentes com os escassos trabalhos no campo da psicologia que se propuseram a estudar tais impactos, como o de Ramos (2021) que encontrou o ostracismo, problemas de saúde mental e sentimentos negativos como resultado desse processo. Lima (2022) conclui que a ausência de suporte ligada ao momento de tensão, que é a desfiliação religiosa, pode desencadear transtornos psicológicos como a depressão.

Portanto, diante do exposto, o momento de ruptura com o grupo, foi marcado pelo ostracismo, praticado inclusive por pessoas próximas, como amigos e familiares. A atitude se manteve mesmo diante de pontuais tentativas de reaproximação, como visita ao local de adoração, evidenciando o a profundidade da internalização das crenças. Como efeito, as vivências afetaram os participantes, quanto a perda da sua identidade, autoestima, sentimento de culpa, inadequação e não pertencimento, repercutindo sobre outros aspectos da vida, acarretando desde dificuldades na socialização, até outros como a tomada de decisões, vivência de alguns aspectos sociais e culturais, bem como o agravamento ou surgimento de transtornos mentais. Por outro lado, há relatos que indicam a abertura a novas experiências, até então restritas ou proibidas, o que será tratado mais detalhadamente no próximo tópico.

5.3 Estratégias de enfrentamento

Esta última categoria busca analisar o que a desfiliação religiosa propicia em termos de abertura para novas vivências. Que nova visão social, espiritual e autoconceitos emergem. Quais os recursos de enfrentamento foram adotados mediante às novas situações.

Diante dos relatos de como se dava a relação com os estudos e trabalho quando ainda eram Testemunhas de Jeová, como já discutido no primeiro tópico dos resultados, alguns dos participantes relatam como isso passou a ocorrer após o rompimento:

Antes eu me enchia de cursos técnicos, mas ao sair a primeira coisa que fiz foi entrar numa faculdade (Assis).

Hoje, fora da religião, enxergo o conhecimento técnico, científico, artístico, etc como algo de extremo valor, quase sagrado. Há quase dois anos iniciei minha faculdade de Arquitetura e espero me formar, se possível, antes dos 42. (Alan).

Após o rompimento, comecei a olhar para mim com mais liberdade. Foi libertador, mas também desafiador, porque eu precisei construir uma nova identidade e correr atrás de coisas que antes eu não me permitia. Ainda estou nesse processo de me encontrar profissionalmente, mas hoje posso escolher com mais autonomia e acreditar nos meus próprios sonhos (Sol).

Após sair da seita, retornei meus estudos, fiz o ENEM para a certificação do Ensino Médio, cursei faculdade de Análise e Desenvolvimento de Sistemas (minha área de autodidata) e fiz duas pós graduações. Atualmente tenho um bom salário trabalhando em uma empresa de Software como desenvolvedor.(Sergio).

Após sair da religião pude me dedicar mais ao trabalho e aos estudos, pude finalmente entrar na universidade e expandir ainda mais meus horizontes. (Lucy).

A ressignificação pessoal diante das novas possibilidades, teve a educação formal e a realização profissional como papéis centrais. Observa-se, nas narrativas, uma revalorização do “*conhecimento técnico, científico e artístico como algo quase sagrado*” (Alan), contrastando com possíveis restrições anteriores impostas pelo sistema religioso. A busca por formação acadêmica, como relatado por participantes que ingressaram em faculdades, concluíram o Ensino Médio ou realizaram pós-graduações, representa não apenas um desejo de crescimento intelectual, mas também uma forma de reconstrução identitária e reafirmação de autonomia. Psicologicamente, esse processo é marcado por um movimento de

libertação, no qual o indivíduo passa a se ver como agente da própria trajetória, enfrentando desafios emocionais e existenciais para se reencontrar com seus sonhos e objetivos. Assim, o estudo e o trabalho tornam-se espaços simbólicos de cura, empoderamento e reconstrução do *self*, refletindo a transição de um lugar de subjugação para um de autoconstrução e liberdade (Erthal, 2016).

Quando se pensa outros contextos como família e amizades, já mencionados aqui, agora com foco nesse momento de reconstrução dessa nova identidade, as respostas expressam a percepção de haver ou não influência da religião:

Sim, me tornei mais crítico e mais reservado. (Assis).

Sim. Dificuldade em confiar nas pessoas, até as mais próximas. Dor ao ver famílias que não abandonam seus filhos, mesmo quando são criminosos. Incapacidade de respeitar fiéis de religiões cristãs, mesmo sendo da família. Dificuldade em respeitar as crenças dos amigos. Sentimento de não-pertencimento. (Helena).

Eu me afastei de modo radical de qualquer vestígio das narrativas Tejotéanas. Tanto que já fui em locais de adoração de outros grupos e não sinto qualquer reação negativa. Muitos ex-TJ não fazem isso. (Sócrates).

Sim, ainda percebo muitas influências. Apesar de fazer terapia e conscientemente tentar não reproduzir certos padrões, sinto que, de alguma forma, ainda não me encaixo. Isso se reflete em diversas áreas da minha vida, como relacionamentos amorosos, amizades até mesmo no trabalho. (Alan)

Os amigos que param de falar com vc. Que mudam de calçada quando lhe viam, que te bloquearam e excluíram das redes sociais antes de inventarem o termo cancelamento. (George).

Sim, percebo muitas influências da experiência que vivi na religião. Durante anos, aprendi a reprimir sentimentos, a evitar vínculos fora do grupo e a desconfiar do que vinha de fora. Isso impactou diretamente minha forma de me relacionar. No início, tive dificuldade em confiar nas pessoas, me abrir emocionalmente e até mesmo compreender que mereço ser amada e acolhida sem condições. Ainda estou desconstruindo medos, culpas e formas de pensar que foram muito enraizadas. Carrego até hoje o trauma do abandono, especialmente por ter perdido o vínculo com pessoas tão importantes pra mim, como meus pais. Isso afeta muito meus relacionamentos, tenho medo de me apegar e depois ser deixada de lado, como aconteceu antes. Também luto para desconstruir a ideia de que preciso merecer amor ou aceitação o tempo todo. Ainda estou aprendendo a confiar, a me permitir viver vínculos mais leves, e a entender que posso ser amada mesmo fora daquele contexto religioso. (Sol)

Ainda tenho familiares Testemunhas de Jeová que evitam até mesmo falar comigo, e algumas vezes os encontro na casa de outros parentes que não são membros dessa comunidade ou que tem uma atitude de tolerância. No mais, embora esteja ainda envolvido nesse universo das Testemunhas de Jeová, a influência delas em minha vida é mínima. (Sergio).

Atualmente, como já fazem dez anos que saí e já passei por psicoterapia, apenas fiquei com resquícios da dificuldade em acreditar em amizades verdadeiras. (Lucy)

Sim, uma dificuldade de criar relacionamento e um preconceito com outras pessoas (Vicente)

Tive que me adaptar nesse contexto, me acostumar com a nova maneira de viver e de apreciar novas experiências tipo datas festivas, aniversários, política tudo isso faz parte do convívio social, não é difícil se sentir diferente dos outros porque tudo isso não fazia parte de minha rotina. (Nicholas).

Mesmo em decorrência do tempo, os impactos são profundos e persistentes na dimensão social e emocional dos indivíduos após o rompimento com a religião, refletindo um processo complexo de reconstrução da nova identidade. Diversos depoimentos apontam para a dificuldade em estabelecer vínculos de confiança, tanto com familiares quanto com amigos e novos grupos sociais, marcada por sentimentos de exclusão, abandono e um profundo senso de não pertencimento (Helena, Sol e Lucy). O trauma do corte abrupto de relações afetivas, muitas vezes promovido por práticas religiosas de ostracismo, deixa marcas emocionais que se estendem a outras áreas da vida, como o trabalho e os relacionamentos amorosos.

Os anos a fio de intensa convivência com um grupo que tem por regra as calorosas demonstrações de afeto entre seus membros (Lima, 2022), ainda que forma condicionada, após um rompimento brusco que é sinônimo de “*cancelamento*” (George), dá lugar à desconfiança, ao medo do apego, do abandono, e à necessidade constante de validação - elementos recorrentes nas falas dos participantes, ainda que alguns relatem avanços no processo de cura por meio da psicoterapia. Ao mesmo tempo, observa-se o esforço consciente de alguns em romper com padrões internalizados e buscar experiências novas, como participar de celebrações ou explorar diferentes formas de espiritualidade (Sócrates e Nicholas). No geral, os depoimentos apontam para um movimento de desconstrução emocional e cognitiva que, embora libertador, é frequentemente doloroso e solitário, exigindo tempo, apoio terapêutico e redes afetivas para que se transforme em um processo genuíno de ressignificação e superação. Segundo Paiva (2007), embora a identidade psicossocial esteja ligada à interação grupal, a individualidade é importante porque é quem vai dizer como cada um entra ou sai desses grupos.

Sobre a visão que cada um construiu do mundo, fora do viés religioso, responderam:

Muito mais leve, consigo ver pessoas sem os rótulos da torre de vigia (Assis).

Vejo como um lugar que seria melhor sem religiões, sobretudo o Cristianismo e sua voracidade colonialista. (Helena).

Hoje eu me defino como Ateu. Não creio em vida no paraíso, no céu e nem em alguma dimensão metafísica. Portanto a vida está aí para ser vivida. Ano passado meu Pai faleceu e isso foi uma coisa que eu tomei mais forte pra mim. Não desperdiçar minha vida. (Eu presenciei os momentos finais da vida do meu Pai. Ele morreu de câncer. Sofreu muito.) (Sócrates).

O mundo pra mim é esse lugar contraditório, indiferente, injusto na maior parte do tempo. Mundo esse da qual religiões como as Testemunhas de Jeová que clamam não fazerem parte, são na verdade apenas mais um braço a favor dos interesses exatamente daquilo que clamam combater. Resumindo, o mundo é pra mim apenas o mundo material, com suas belezas e absurdos. (Alan).

Bonito mas também cruel e desafiador. (George).

Hoje enxergo o mundo com as lentes do que ele realmente é: um lugar duro, difícil, cheio de desafios, mas também cheio de beleza, de aprendizados e de pessoas incríveis. Durante muito tempo eu acreditei que tudo fora da religião era corrompido ou vazio, mas descobri que existem pessoas boas, sinceras, generosas e amorosas fora daquele contexto. O mundo não é perfeito, mas é real e, pela primeira vez, estou aprendendo a viver nele com os meus próprios olhos e escolhas. (Sol).

Minha visão é de pertencimento. Não me vejo mais como um opositor do mundo, mas como parte dele. Penso que preciso fazer minha parte para tornar o mundo melhor e a sociedade mais humana e justa, não pedir que um grande genocídio ou cataclisma ponha fim à vida de bilhões a fim de resetar a ordem social global. (Sergio).

Acredito que o mundo é apenas um aglomerado de pessoas que seguem procurando sentido para sua existência e que esse sentido pode ser encontrado de diferentes formas. (Lucy).

Hoje encaro de forma real com dificuldades e virtudes naturalmente (Vicente).

A visão que tenho, mesmo após de sair, vejo que há um problema em relação a religiões. Depois de ter conhecido outras religiões posso dizer que o mais importante não é necessariamente a religião em que está, mas se está bem com sua consciência, onde estiver isso é o mais importante, dito isto as religiões devem ter cuidado quanto a religiosidade isto é o maior obstáculo, ter bom senso sobre o que é realmente certo ou errado evita o excesso de religiosidade. (Nicholas).

O tempo e as vivências fora do domínio do grupo, gerou nos participantes um processo de transformação profunda na forma como enxergam a vida fora da religião. Antes, muitos viam o mundo como algo totalmente corrompido ou perigoso - uma ideia comum em religiões que dividem tudo entre certo e errado, puro e impuro. Após o rompimento, esse olhar rígido e dividido foi sendo substituído por uma visão mais realista e equilibrada. Os relatos mostram que, apesar de o mundo ser visto

como um lugar difícil, injusto e desafiador, também é percebido como cheio de beleza, aprendizado e diversidade humana.

Alguns participantes adotaram o ateísmo ou passaram a valorizar mais o presente e a vida concreta, como forma de dar sentido à existência fora das antigas crenças. Outros desenvolveram um sentimento de pertencimento ao mundo e uma vontade de contribuir para torná-lo melhor, deixando de lado ideias apocalípticas ou de punição coletiva. Essa nova forma de ver o mundo reflete um amadurecimento emocional, onde há mais autonomia, reflexão e aceitação da realidade como ela é - com suas imperfeições, mas também com possibilidades de afeto, escolha e crescimento pessoal. Para Erthal (2016), a forma como a realidade é percebida, ditará o seu agir no mundo.

A partir dessa abertura, pensou-se como esses sujeitos vivenciam a sua espiritualidade, se adotaram outra religião, ao que responderam:

Através da filosofia pura. (Assis).

Não. (Helena).

Não. Eu me defino como Ateu convicto. Deuses são criações humanas. No início nós Homo sapiens criamos deuses por conta da nossa ignorância a respeito da vida e do mundo que nos cerca. (Sócrates).

Não faço parte de nenhuma religião. Já flertei com algumas práticas budistas, mas foi o mais próximo de espiritualidade que cheguei após toda essa experiência. (Alan).

Nunca mais tive religião (graça a Deus). Eu digo que não acredito em Deus e sim que eu tenho certeza que ele Existe. Todos os dias faço minhas orações nas quais sempre sou respondido pelo criador. (George).

Hoje não faço parte de uma religião institucionalizada, mas sim, consigo vivenciar minha espiritualidade de forma profunda, livre e verdadeira. Me conecto com aquilo que faz sentido pra mim, com o que ressoa com a minha alma. Encontrei força na natureza, nos astros, nas energias e nas mensagens que recebo através das cartas, dos símbolos e da intuição. Minha espiritualidade hoje é viva, é sentida, não tem regras rígidas, mas tem verdade, acolhimento e conexão. (Sol).

Sim, sou católico, até mesmo porque fui iniciado no catolicismo antes de me envolver com a comunidade das Testemunhas de Jeová. Além disso, me considero espiritualista e estou bem consciente dessa minha necessidade; porém, não considero que minha espiritualidade precise estar condicionada a um padrão rígido de dogmas, regras e ensinamentos impostos por alguma instituição humana religiosa ou não. (Sergio).

Não. Sou agnóstica. (Lucy).

Não faço parte (Vicente).

Hoje não faço parte de religião (Nicholas).

As respostas revelam uma ampla diversidade de caminhos espirituais e filosóficos após a desfiliação religiosa, indicando um processo de reconstrução subjetiva pautado pela liberdade de crença (ou descrença). A maioria afirma não pertencer atualmente a nenhuma religião formal, mas encontraram formas de vivenciar a espiritualidade: alguns relatam vivenciar uma espiritualidade livre, pessoal e não dogmática, conectada a elementos como a natureza, a intuição ou tradições anteriores (Sol e Sergio). Outros, encontram significado na filosofia ou em práticas pontuais (Assis e Alan), há ainda outros que se identificam como ateus ou agnósticos, rejeitando a ideia de divindade ou de uma estrutura espiritual organizada (Sócrates, Helena e Lucy).

De modo geral, destaca-se a presença de espiritualidade individualizada e simbólica, que busca conexão e sentido fora de instituições religiosas, contrastando fortemente com os sistemas rígidos e hierárquicos anteriormente vividos. Assim, os relatos evidenciam que, embora a experiência com a religião institucionalizada tenha deixado marcas profundas, muitos participantes conseguiram ressignificar sua relação com o sagrado, seja rejeitando-o completamente, seja reinventando-o de forma autêntica e pessoal, em um exercício de autonomia espiritual e autoconhecimento.

Sobre a religião Testemunhas de Jeová, expressam as suas percepções:

Retornaria sim, mas se fosse pra eu tirar algum proveito, mas não trabalharia de graça pra eles, voltaria sim mas se somente se fosse útil. (Assis).

Vejo essa religião como um câncer na sociedade. Não penso em retornar jamais. (Helena).

Eu os vejo como um grupo de controle mental. Algo que faz muito mal as pessoas que lá estão. Vivem de uma propaganda de que são diferentes das outras instituições mas a realidade não confirma isso. E não penso em retornar. Religião é uma página virada no meu caso. Ela não supre meus anseios. Esses são satisfeitos em outros lugares. (Sócrates).

Penso que é uma seita (não uma religião) Cristã Fundamentalista, como a maioria. Não penso em voltar. (Alan).

A raiva passou, hoje tenho pena mas não perco meu tempo. Jamais. (George).

Hoje, minha visão sobre a religião das Testemunhas de Jeová é bem diferente de antes. Reconheço que ela oferece estrutura e um senso de comunidade para muitas pessoas, mas também vejo o quanto pode ser controladora e excludente. Vivi experiências que deixaram marcas profundas, principalmente no emocional, e acredito que muitas práticas ali não promovem o amor incondicional que tanto se prega. Não penso em retornar. Minha consciência e minha espiritualidade já caminham por outras

estradas, mais livres, mais humanas e mais conectadas com quem eu realmente sou. (Sol).

Retornar seria um retrocesso, a decisão que eu tomei é irreversível. Hoje considero que as Testemunhas de Jeová são em sua extensa maioria pessoas bem intencionadas, de sentimentos nobres, mas intencionalmente mal direcionadas por uma organização que os explora, engana e aprisiona. São pessoas que se agarram a uma falsa esperança aparentemente bem fundamentada. Felizmente, muitos estão despertando desse engano. (Sergio).

Acredito que se trata de uma seita e jamais pretendo retornar. Só o pensamento de retornar me causa ansiedade e mesmo após 10 anos fora da religião ainda tenho pesadelos que faço parte dela. (Lucy).

Não tenho interesse (Vicente).

A última coisa que eu faria seria voltar, seria um retrocesso, não é uma alternativa que eu escolheria fazer. (Nicholas).

O posicionamento é amplamente negativo, atravessado por rejeição, crítica e afastamento emocional definitivo. A maioria dos participantes demonstra repulsa ou descrença profunda em relação ao grupo religioso, utilizando termos impactantes como “*seita*”, “*câncer social*”, “*grupo de controle mental*” e “*retrocesso*” (Helena, Sócrates, Alan, Lucy e Nicholas), evidenciando o quanto a experiência foi vivida como opressiva ou prejudicial. São mencionados aspectos como controle, exclusão, manipulação emocional e o dogmatismo como traços centrais da instituição, considerados incompatíveis com valores como autonomia, liberdade e amor genuíno (Sócrates, Alan e Sol). Outros, embora não evidenciem tamanha reprovação, assumem uma postura de distanciamento crítico, reconhecendo a boa intenção de muitos membros, mas denunciando a influência nociva da liderança organizacional (George e Sergio). A rejeição ao retorno é praticamente unânime, com relatos de sofrimento emocional, pesadelos e ansiedade até ao imaginar essa possibilidade, mesmo tendo se passado anos (Lucy). Apenas um participante (Assis) cogitou o retorno, mas de forma de “*tirar algum proveito*”, sem envolvimento emocional ou convicção religiosa. Assim, as falas revelam não apenas uma ruptura do elo grupal, mas uma reconstrução identitária marcada pela autonomia que é usada para rejeitar profundamente o retorno a um sistema considerado limitador, punitivo e incompatível com esse crescimento pessoal alcançado após a saída (Lima, 2008).

Toda essa reconstrução, além de tempo, necessitou de estratégias subjetivas, os participantes mencionaram como foi esse processo:

Fiz terapia de grupo, porque eu já tinha mágoas antes de entrar e ao sair pioraram (Assis).

Grupos e fóruns de ex-Testemunhas de Jeová, na internet. (Helena).

Como respondi; fiz uso da Ayahuasca em 2023 em três sessões entre o mês de Fevereiro e Abril. As minhas amizades fora da instituição me ajudaram muito também. Minhas viagens e passeios astronômicos onde conversei com pessoas estudadas me ajudam também. (Sócrates).

Terapia, companhia de pessoas que passaram por coisas parecidas. Também foquei no trabalho de maneira doentia até ter um burnout. Em outros momentos recorri a drogas. Hoje estou relativamente bem fazendo terapia, exercício quando consigo e tentando combater o impulso de me isolar. (Alan).

Infelizmente à drogas como a maconha que hj sinto dificuldade para deixar. Eu também tentei fazer tudo que eu gosto como arte, shows, aprender instrumentos e estar com amigos. (George).

Foi um processo muito difícil e solitário. No início, contei com a ajuda de algumas poucas pessoas, ex-Testemunhas de Jeová que conhecia e alguns parentes que não faziam parte da religião. Mesmo assim, me sentia muitas vezes perdida, como se estivesse tentando reconstruir minha vida no escuro. Depois, a terapia se tornou essencial. Foi através dela que comecei a trabalhar os sentimentos profundos de rejeição, culpa e abandono que ficaram marcados em mim. Ainda é um caminho de cura, mas hoje consigo olhar pra mim com mais compaixão e entender que mereço viver livre e inteira.(Sol).

Basicamente, o que reforçou a minha decisão de desligamento da seita foi me informar. Estudar a fundo a história do grupo, analisar de cabeça aberta as doutrinas à base dos pontos de vista de críticos bem abalizados e confrontar os dogmas e regras. Além disso, envolver-se com outros ex membros e trocar conhecimentos, testemunhos e provas factuais e físicas foi essencial para fortalecer o processo. Sem dúvida, algo que foi também bastante útil para o desligamento definitivo foi buscar ajudar pessoas vítimas dessa comunidade, uma vez que esta ação de compartilhar e divulgar sentimentos similares de outras vítimas, reforçou o senso de justiça, empatia e de utilidade pública. (Sergio)

Participava de grupos no Facebook com membros que também saíram da religião para ter apoio. (Lucy).

Psicoterapia ajudou e acompanhar Youtuber dissidentes. (Vicente).

Principalmente aos meus estudos, mesmo sem saber como seria após sair, vejo as possibilidades como algo positivo, porque hoje posso fazer escolhas e projetar algo, escolher e assumir uma direção, ser o norte de minha bússola. (Nicholas).

O processo frequentemente doloroso, solitário e emocionalmente desestabilizador (Sol) é perpassado por uma diversidade de estratégias de enfrentamento. A psicoterapia é um dos recursos mais citados, considerada por muitos participantes como essencial para o enfrentamento de traumas como rejeição, culpa, abandono e despersonalização (Sol, Alan, Vicente e Assis). Simultaneamente, o contato com outros ex-membros por meio de grupos de apoio

online, fóruns e redes sociais também foi uma ferramenta importante para a reconstrução da identidade e do senso de pertencimento (Helena, Lucy e Sérgio). Silveira (2016) fala desses espaços virtuais de associação de ex-membros como uma nova forma de partilhar experiências e encontrar apoio para lidar com os estereótipos.

O conhecimento e visão crítica, por meio de estudos aprofundados sobre a organização, foi utilizado como forma de dismantelar cognitivamente o sistema de crenças anterior (Sérgio). Outros participantes buscaram apoio em amizades fora da religião, atividades artísticas, culturais, espiritualidade alternativa - como o uso de ayahuasca (George e Sócrates), porém houve meios de enfrentamento disfuncionais, como o uso de drogas, como a maconha, evidenciando o impacto psicológico profundo da ruptura (George), que embora inicialmente compensatório, tornou-se uma dificuldade atual. Ainda assim, muitos relatam avanços significativos, como o desenvolvimento de autonomia, autorreflexão e a busca ativa por reconstruir a vida com novos significados, saindo do determinismo que é considerado por Sartre (1997) como má-fé, e entrando na liberdade de tomar as próprias decisões.

Os relatos de maneira geral, indicam que o desligamento da religião Testemunhas de Jeová é marcado pelo ostracismo, onde o grupo é usado como mecanismo de controle gerando dor, medo, culpa e desorientação. Provocando a necessidade de reconstrução de sua visão de mundo e identidade, o que abre espaço para o novo, redescoberta dos desejos, novos valores e maneiras de experienciar a espiritualidade e a vida social. A pluralidade dos caminhos evidenciam a complexidade do aspectos psicológicos e existenciais, para além de uma decisão ideológica, esse processo é uma abertura à uma busca, à uma ressignificação a partir da liberdade de fazer isso de maneira singular e por si próprio, ou baseando-se no pensamento de Sartre (1997) o importante não é o que o mundo (ou a religião) fez com cada um, mas sim, o que cada um fez com aquilo que o mundo fez deles.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou compreender os impactos psicossociais do rompimento com as crenças religiosas e com o grupo, na vida de ex-membros das Testemunhas de Jeová. Para tanto, empregou-se objetivos secundários, como descrever as principais crenças das Testemunhas de Jeová e suas implicações na vida dos seus membros; explorar os fatores que levaram ao rompimento com o grupo religioso; examinar os impactos sociais e emocionais decorrentes do afastamento das Testemunhas de Jeová; e analisar as estratégias utilizadas pelos ex-membros para reorganizar suas vidas após o rompimento com as Testemunhas de Jeová.

A partir de uma pesquisa, fundamentada na aplicação de questionários a dez ex-membros das Testemunhas de Jeová, obteve-se material relevante para a compreensão das experiências vividas por esses indivíduos. As respostas coletadas foram analisadas com base nos princípios da Análise de Conteúdo, conforme propostos por Bardin (2010), o que permitiu identificar categorias significativas e padrões recorrentes nos relatos (Carlomagno; Rocha, 2016.). E contribuiu para aprofundar a reflexão sobre o impacto da vivência religiosa e os desdobramentos do desligamento desse grupo.

O conteúdo da primeira categoria, intitulada "Vivências no grupo e as manifestações de internalização das crenças e regras", apresenta uma relação direta com a hipótese de que as regras bem definidas e amplamente difundidas funcionam como mecanismos de controle mútuo entre os membros. Os relatos analisados demonstram como essas normas, introduzidas de forma gradual, são não apenas aceitas, mas também incorporadas à identidade individual, que se associa à identidade grupal. A configuração do grupo e suas regras restringe às pessoas ao convívio grupal, criando barreiras emocionais e relações superficiais com o externo, como medida de prevenção de riscos à relação religiosa. Tal postura favorece o fechamento grupal e a alienação social e cultural (Le Bon, 2022).

A segunda hipótese, que aponta para um descompasso entre as normas vivenciadas dentro do grupo religioso e os valores predominantes da cultura mais ampla, encontra respaldo nos dados analisados na categoria "Impactos do afastamento sobre a construção da identidade psicossocial". Os relatos evidenciam que o rompimento com a estrutura normativa rígida das Testemunhas de Jeová

desencadeia um processo profundo de reconstrução identitária. A desfiliação é marcada pelo ostracismo, inclusive por parte pessoas próximas, como amigos e familiares. Esse fato somado à atitude demonstrada nas tentativas de reingresso, denotam a profundidade na internalização das crenças e, podem levar a um luto não reconhecido socialmente, agravado pela possível perda da rede de apoio. Outros temas emergiram nesse momento como a perda da identidade, autoestima, sentimento de culpa, inadequação e não pertencimento, acarretando dificuldades em outros campos da vida, como dificuldades na socialização, na tomada de decisões, e vivência de alguns aspectos sociais e culturais. A depender de como cada um internalizou. Os conflitos, inclusive internos, marcaram essa passagem ocasionando o agravamento ou surgimento de transtornos mentais.

A terceira hipótese, compreende o rompimento com a religião como uma ruptura de laços sociais, inclusive familiares, e, simultaneamente, como uma abertura para novas formas de pertencimento. A abertura para novas possibilidades de ingressos em outros grupos atravessa a visão social, espiritual e de si próprio; e encontra eco nos relatos agrupados na categoria "Estratégias de enfrentamento". Os participantes descreveram diferentes formas de lidar com a perda de vínculos significativos, variando entre o isolamento inicial, a busca por apoio psicológico, a inserção em novos grupos sociais e o resgate de aspectos identitários que haviam sido reprimidos durante sua permanência na religião. As estratégias adotadas revelam não apenas um esforço para reconstrução de si, mas também uma reformulação na forma como enxergam o mundo, a espiritualidade e as relações interpessoais. Posteriormente, a correlação entre os achados e o referencial teórico permitiu interpretar tais fenômenos à luz dos conceitos de identidade, pertencimento, controle social e resiliência, enriquecendo a compreensão sobre os processos vivenciados pelos ex-membros.

Dessa forma, as três hipóteses inicialmente propostas foram confirmadas por meio da análise do material empírico, que evidenciou como a vivência religiosa entre as Testemunhas de Jeová está fortemente ancorada em mecanismos de controle, internalização de normas, e em uma rígida estrutura de pertencimento. O afastamento do grupo revela-se, portanto, como um processo multifacetado, que envolve rupturas emocionais, sociais e identitárias, mas também abre espaço para reinvenções e novas formas de estar no mundo. A articulação entre os dados obtidos e o referencial teórico possibilitou uma compreensão mais ampla sobre os

impactos da desfiliação religiosa, especialmente no que diz respeito à reconstrução da identidade psicossocial.

Entre as limitações deste estudo, destaca-se a escassa literatura específica sobre o tema, especialmente sob a ótica da psicologia, o que dificultou, durante a etapa de revisão bibliográfica, um aprofundamento direto no fenômeno em questão. Diante disso, foi necessário recorrer a contribuições de outras áreas das Ciências Humanas, como a sociologia, história e a antropologia, para ampliar a base teórica e sustentar as análises. Outro fator que impactou o desenvolvimento da pesquisa foi a demora na liberação do parecer pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), o que reduziu o tempo disponível para a coleta e análise dos dados.

Esta pesquisa contribui para o entendimento dos processos de desfiliação religiosa e os efeitos psicossociais ocasionados por esse processo, lançando luz sobre uma temática ainda pouco explorada. O estudo não possui recorte de gênero, no entanto, percebeu-se entre as participantes autoidentificadas como do gênero feminino, uma forte internalização de culpa e mais pontuações sobre o ostracismo familiar, o que pode ser um indicativo de possíveis futuros estudos que façam recorte de gênero. Outros estudos são pertinentes no que concerne às pessoas que já nasceram na religião.

REFERÊNCIAS

A SENTINELA – nenhuma revista se compara. ORG, J. W. Site Oficial das Testemunhas de Jeová. Watch tower bible and tract Society Of Pennsylvania, 2025. Disponível em: <https://www.jw.org/pt/testemunhas-de-jeova/atividades/publicacoes/revista-sentinela-despertai/>. Acesso em 18 fev. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2023.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BARRA, Suely Ribeiro. **O processo de transformação da identidade a partir da conversão a uma nova denominação religiosa**: um estudo dos novos conversos ao grupo religioso das Testemunhas de Jeová em Juiz de Fora. 221 p. Orientador: Volney José Berkenbrock. Dissertação - Mestrado em ciência da religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3374/1/suelyribeirobarra.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2024.

BASTOS, Camila Noemia Renner Santos. **O segredo de uma família feliz**: Representações sobre famílias entre as Testemunhas de Jeová em Santo Estevão/BA (1970-2001). 197 p. Orientador: Elizete da Silva. Dissertação - Mestrado em história, Universidade Estadual de Feira de santana, Feira de Santana, 2014. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfefindmkaj/http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/145/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20Camila%20No%C3%AAmia%20Renner%20Santos%20Bastos.pdf>. Acesso em: 20. out. 2024.

BERGER, Peter Ludwing. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BORNHOLDT, Suzana Ramos Coutinho. “A Internet e seus perigos”: Individualismo, Missão e Poder entre as Testemunhas de Jeová. **Contemporânea**, v. 6, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3522>. Acesso em: 31 mar. 2025.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

CARLOMAGNO, Márcio C.; ROCHA, LC da. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v. 7, n. 1, p. 173-188, 2016. Disponível em: d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net. 03 maio 2025.

CARVALHO, Patrícia. Vida espiritual e a morte psíquica (psicologia). **Repositório Institucional**, v. 3, n. 2, 2025. Disponível em: <https://revistas.icesp.br/index.php/Real/article/view/6073>. Acesso em: 13 abr. 2025.

DALGALARRONDO, Paulo. O eu, o *self*: psicopatologia In: DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Ed.3. Artmed, 2019. p. 256-269.

DIAS, Cleberson. Entre Foucault e as Testemunhas de Jeová: A Torre sob Vigia. **Revista Eletrônica de Teologia e Ciências da Religião**. São Paulo: 2019. v. 7, n.2, p. p 110 - 125, 2019. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/unitas/article/view/910>. Acesso em: 30 ago. 2024.

ERTHAL, Tereza Cristina Saldanha. Autoimagem ou projeto original: possibilidades e limitação da mudança. In: ERTHAL, Teresa Cristina Saldanha. **Trilogia da existência**: Teoria e prática da psicoterapia vivencial. Appris Ltda, 2013. p. 2-12.

EX-TESTEMUNHAS de Jeová protestam contra líder mundial da igreja no interior de SP. **G1 Itapetininga e região**. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/itapetininga-regiao/noticia/2025/02/16/ex-testemunhas-de-jeova-protestam-contralider-mundial-da-igreja-no-interior-de-sp.ghtml>. Acesso em: 08 mar. 2025.

FÉLIX, Flávia Malagoli et al. **Recusa à indicação de transfusão de sangue em pacientes testemunhas de Jeová**: uma abordagem ética/bioética. 53 p. Orientador: Dulcinéia Ghizoni Schneider. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/231610>. Acesso em: 30. ago. 2024.

FLICK, Uwe. Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

FREUD, Sigmund. As perspectivas futuras da terapêutica analítica. FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, p. 125-136, 1910.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu, e outros textos (1920 - 1923). 15 Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

HERTER, Augusto. Testemunhas de Jeová: Quando a ilusão se confunde com a inspiração. **Revista Ensaios Teológicos**. Online: 2022. v. 8, n.1, p. p 96 - 104, 2022. Disponível em: <https://www.ensaisteologicos.fbp.edu.br/index.php/ensaios/article/view/520/528>. Acesso em: 22 out. 2024.

JUNG, Carl.Gustav. Fundamentos da psicologia analítica. 10. Ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

LAPASSADE, Georges. Dialética dos grupos, das organizações e das instituições. In: LAPASSADE, Georges. **Grupos, organizações e instituições**. Local: Editora S.A., 1978. p. 227-237

LE BON, Gustave. Psicologia das multidões. 1 Ed. São Paulo: Alma dos livros, 2022.

LIMA, Beatriz Furtado. Alguns apontamentos sobre a origem das psicoterapias fenomenológico-existenciais. Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, v. 14, n. 1, p. 28-38, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735510006.pdf>. Acesso em: 13 maio 2025.

LIMA, Jefferson Alexandrino de. **Ostracismo religioso e a depressão**: uma análise sobre a relação do transtorno entre das ex-Testemunhas de Jeová. 2022. 36 p. Orientador: Zirlana Menezes Teixeira. Trabalho de Conclusão de Curso - Bacharel em Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas de Olinda, Olinda, 2022. Disponível em: <https://doceru.com/doc/n8n000sn>. Acesso em: 11 abr. 2025.

MANTENHA-SE no amor de Deus. São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2016.

MENDES, Estevam Dedalus Pereira de Aguiar. Capitalismo, política e religião: testemunhas de Jeová e a revolta contra a modernidade. **Em Tese**, Florianópolis, v. 20, n. 01, p. 113-133, jan./out. 2023. Acesso em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/94138>. Acesso em 1 mar. 2025.

PAIVA, Geraldo José de. Identidade psicossocial e pessoal como questão contemporânea. **Psico**, v. 38, n. 1, p. 77-84, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5161517>. Acesso em: 9 abr. 2025.

PEREIRA, Ruan Lucas Guimarães. O tribunal paralelo dentro da organização Testemunhas de Jeová: o modus operandi de justificação aos seus associados. **Repositório Institucional UCSAL**, Salvador, 2020. Disponível em: <https://ri.ucsal.br/items/cf1e518f-ce03-434e-b506-bc32e4fe622f>. Acesso em: 30 mar. 2025

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2 ed. Rio Grande do Sul: Universidade FEEVALE, 2013.

RELATÓRIO Mundial das Testemunhas de Jeová do ano de Serviço de 2024. ORG, J. W. Site Oficial das Testemunhas de Jeová. Watch tower bible and tract Society Of Pennsylvania, 2024. Disponível em: <https://www.jw.org/pt/biblioteca/livros/Relat%C3%B3rio-Mundial-das-Testemunhas-de-Jeov%C3%A1-do-Ano-de-Servi%C3%A7o-de-2024/Totais-gerais-de-2024/>. Acesso em: 21 fev. 2025.

SEJA feliz para sempre!. São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2024.

RAMOS, Alexandre José Carvalho. **Desfiliação religiosa e abuso psicológico nas testemunhas de Jeová**. 322 p. Orientador: Luís Miguel Madeira Faísca. Tese de doutorado em Psicologia, Universidade do Algarve, Portugal, 2021. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/entities/publication/03fbc396-6507-40cb-99da-159ff93f9ef4>. Acesso em: 17. mar. 2025.

SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada: Ensaio de fenomenologia ontológica. Tradução de Paulo Perdígão. 5. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997

SILVA, Gleicy Mailly da. **Caminhando pelas ruas, batendo de porta em porta: dinâmica religiosa e experiência social entre Testemunhas de Jeová no campo religioso brasileiro**. 153 p. Orientador: Ronaldo Romulo Machado de Almeida. Dissertação - Mestrado em antropologia social, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/479395>. Acesso em: 29. ago. 2024.

SILVA, Olivia Maria Lopes da. O luto na desfiliação religiosa: um estudo sobre as Testemunhas de Jeová desassociadas. 2023. 66p. Orientadora: Keyla Cooper. Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica – Programa de Iniciação Científica (PIC), UniCEUB, Brasília, 2023. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=o+luto+na+desfilia%C3%A7%C3%A3o+religiosa++Testemunhas+de+Jeov%C3%A1&btnG=. Acesso em: 29 abr. 2025.

SILVEIRA, Paulo Henrique Bellonia da. A torre e as testemunhas: um estudo sobre a dominação entre o corpo governante e as Testemunhas de Jeová. **Revista Textos Graduados**, v. 2, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/tg/article/view/14308>. Acesso em: 21 mar. 2025.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. Escolha bem suas companhias nestes últimos dias. **Revista A Sentinela: anunciando o reino de Jeová**, São Paulo, 2015 , v. , n. 15/08, p. 24-28. Disponível em: <https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2004124?q=ap%C3%B3statas&p=parhttps://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2015606>. Acesso em: 31 mar. 2025.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. Libertados da religião falsa. **Revista A Sentinela: anunciando o reino de Jeová**, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.jw.org/pt/biblioteca/revistas/sentinela-facil-de-ler-novembro-2016/estudantes-da-biblia-libertados-da-religiao-falsa/>. Acesso em: 04 mar. 2025.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. Por que a desassociação é uma é uma provisão amorosa. **Revista A sentinela: anunciando o reino de Jeová**, São Paulo, 2015 , v. , n. 15/04, p. 29-31. Disponível em: <https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2015287?q=desassociados+rela%C3%A7%C3%A3o&p=par>. Acesso em: 29 ago. 2024.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. Proteja-se contra o engano. **Revista A sentinela: anunciando o reino de Jeová**, São Paulo, 2004 , v. , n. 15/02, p. 15-20. Disponível em: <https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2004124?q=Proteja-se+contra+o+engano&p=par>. Acesso em: 29 ago. 2024.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. O cabeça da mulher é o homem. **Revista A Sentinela: anunciando o reino de Jeová**, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.jw.org/pt/biblioteca/revistas/sentinela-estudo-fevereiro-2021/O-cabe%C3%A7a-da-mulher-%C3%A9-o-homem/>. Acesso em: 04. Mar. 2025.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. Qual o ponto de vista das Testemunhas de Jeová sobre educação escolar? JW.org. 2025. Disponível em: <https://www.jw.org/pt/testemunhas-de-jeova/perguntas-frequentes/tj-educacao-escola/>. Acesso em: 01 mar. 2025.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. Você sabe diferenciar o que é verdade e o que é mentira? **Revista A Sentinela: anunciando o reino de Jeová**, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.jw.org/pt/biblioteca/revistas/sentinela-estudo-julho-2024/Voc%C3%AA-sabe-diferenciar-o-que-%C3%A9-verdade-e-o-que-%C3%A9-mentira/>. Acesso em: 4 mar. 2025.

TORRES, Ana Raquel Rosas; CAMINO, Leoncio Camino; SILVA, Khalil da Costa. **Grupo social, relações intergrupais e identidade social**. In: TORRES, Ana Raquel Rosas; LIMA, Eugênio Oliveira; TECHIO, Elza maria; CAMINO, Leoncio. Psicologia Social: teorias e temas. São Paulo: Blucher Open Access, 2023. p. 335-354.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

ZIRMEMAN, David Epelbauzum, OSORIO Luiz Carlos. Fundamentos teóricos. In: ZIRMEMAN, David Epelbauzum, OSORIO Luiz Carlos. **Como trabalhamos com grupos**. Artmed, 1997. p. 24 – 31.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário para estudo de impactos psicossociais em dissidentes das Testemunhas de Jeová.

16/04/2025, 21:53

Pessoas que saíram da Torre

Pessoas que saíram da Torre

Questionário para estudo de impactos psicossociais em dissidentes das Testemunhas de Jeová.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. E-mail *

<https://docs.google.com/forms/d/1pS9Obw3pc6sfAoiB0-1LUslqOnoG2jVPIqHhUtHTAaU/edit>

1/8

16/04/2025, 21:53

Pessoas que saíram da Torre

2. **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

*

PESSOAS QUE SAÍRAM DA TORRE: a construção do eu e de um lugar no mundo diante do rompimento religioso em dissidentes das Testemunhas de Jeová

Prezado participante,

Você está convidado(a) a participar da pesquisa **“PESSOAS QUE SAÍRAM DA TORRE:** a construção do eu e de um lugar no mundo diante do rompimento religioso em dissidentes das Testemunhas de Jeová”. Desenvolvida por Fernanda Leite Araújo, discente de Graduação em Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB), sob orientação da Professora Me. Lidianie Verônica Collares da Silva.

O objetivo central do estudo é compreender os impactos psicossociais do rompimento com a crenças religiosas, e consequentemente com o grupo, na vida de ex-membros das Testemunhas de Jeová.

Este é um estudo importante para a pesquisa em Psicologia, pois permite abordar questões pouco conhecidas, mas que são geradoras de sofrimento para quem enfrenta a realidade de rompimento. Tais vivências podem ser socialmente invisibilizados pelo desconhecimento do assunto. Assim, este trabalho é importante por trazer a problemática para o meio acadêmico, permitindo entender as experiências dos ex-membros e como isso pode afetá-los.

O compartilhamento de suas vivências e o uso destas para a produção de conhecimento pode se constituir um forte fator de reconhecimento do sentimento de ser escutado nas suas experiências, valorização pessoal e de sua experiência de vida através da contribuição para a construção de um saber novo, que permitirá reconhecer os impactos sobre pessoas que passaram por situações semelhante e, consequentemente, ofertar melhores formas de cuidado para tais pessoas.

A participação na pesquisa poderá causar riscos como o de dano emocional e/ou psíquico, diante do fato de lembrar e relatar experiências, ainda que de maneira breve, aspectos da vida que podem trazer sofrimento como ansiedade, angústia e sentimento de desamparo.

Os resultados serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas mantendo sigilo dos dados pessoais.

16/04/2025, 21:53

Pessoas que saíram da Torre

O presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi revisado em conformidade com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), garantindo o respeito à dignidade, à autonomia e aos direitos dos participantes, além de garantir a proteção contra riscos e danos associados ao estudo.

Caso queira obter mais informações sobre a pesquisa ou baixar o Termo completo, acesse o link abaixo:

https://drive.google.com/file/d/12UFG04ubrfEKuKmyK8la90M_HPzYnZWa/view?usp=drive_link

Desde já agradecemos sua participação!

Marcar apenas uma oval.

☐ Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Parte I - Perfil do(a) participante

3. Em qual cidade e Estado você reside atualmente? *

4. Qual sua idade? *

5. Qual é a sua identidade de gênero? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino
- ☐ Não-binário
- ☐ Outro
- ☐ Prefiro não responder

16/04/2025, 21:53

Pessoas que saíram da Torre

6. Qual das alternativas corresponde a sua situação atual? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Desassociado
- ☐ Dissociado
- ☐ Inativo (Não foi dado o anúncio oficial)
- ☐ Prefiro não responder

7. Quanto tempo você permaneceu na religião Testemunhas de Jeová? *

Parte II – Experiências e vivências no grupo religioso

8. Qual o motivo da sua saída do grupo?

9. Quando você estava na religião em questão, como você percebia as pessoas de outras denominações religiosas?

16/04/2025, 21:53

Pessoas que saíram da Torre

10. Como você encarava as pessoas que não faziam parte da religião com as quais tinha convivência, como familiares, vizinhos, colegas de escola ou trabalho, dentre outros?

11. Como você encarava, a partir do contexto religioso, a vida fora da religião, no mundo?

12. Você tinha família e/ou amigos no grupo religioso? Se sim, como passou a ser tratado após o rompimento? e como você se sentiu?

13. Como o grupo no geral passou a lhe tratar? E que efeito isso teve sobre você?

16/04/2025, 21:53

Pessoas que saíram da Torre

14. Você tentou frequentar o Salão do Reino após a dissociação/desassociação? Como foi essa experiência?

15. Qual a sua maior dificuldade em relação à vida fora do grupo, caso haja?

16. Você percebe alguma influência da experiência vivida na religião Testemunhas de Jeová nos contextos sociais da sua vida atual como família, relacionamentos amorosos e amizades? Se sim, quais?

17. A princípio, como você se sentiu ao fazer coisas que antes a religião proibia? Há alguma coisa que você ainda não faça atualmente?

16/04/2025, 21:53

Pessoas que saíram da Torre

18. Sobre a sua relação com estudos e/ou trabalho, como se dava antes e após o rompimento?

19. Você sentiu dificuldade ao tomar decisões em algum aspecto da sua vida após a saída do grupo?

20. Qual a sua visão sobre o "mundo" atualmente?

21. Você faz parte de alguma religião? consegue vivenciar a sua espiritualidade?

16/04/2025, 21:53

Pessoas que saíram da Torre

22. Você tem algum transtorno psicológico? (ansiedade, depressão, dentre outros)?
Se sim, os sintomas iniciaram-se antes, durante ou após o desligamento?

23. Qual a sua visão acerca da religião Testemunhas de Jeová hoje? Você pensa em retornar à religião?

24. A que meios você recorreu para lidar com as dificuldades do processo de desligamento da religião?

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

ANEXOS

ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP

UNIDADE DE ENSINO
SUPERIOR DOM BOSCO -
UNDB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PESSOAS QUE SAÍRAM DA TORRE: A construção do eu e de um lugar no mundo diante do rompimento religioso em dissidentes das Testemunhas de Jeová

Pesquisador: Lidiane Verônica Collares da Silva

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 88307225.2.0000.8707

Instituição Proponente: COLEGIO DOM BOSCO LTDA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.480.478

Apresentação do Projeto:

denominação religiosa conhecida como Testemunhas de Jeová alcança pessoas a nível global e está presente em 239 países e territórios, com um total de 118.177 congregações, somando um quantitativo de 8.816.562 membros, segundo dados do site oficial da própria religião (Org, 2024).

As características principais da religião que a tornam conhecida são a pregação de casa em casa (Dias, 2019) e a recusa de seus adeptos de receberem transfusões de sangue nos tratamentos e saúde (Félix et al., 2022). A pregação de casa em casa e nas ruas constitui um dos principais meios de captação de novos membros (Dias, 2019). A pessoa é contatada, a partir disso ingressa gradativamente nos ensinamentos, por meio de estudo bíblico oferecido por um membro da religião que se torna uma espécie de mentor. Deve haver

Endereço: Avenida Colares Moreira, nº 443, Predio Norte, Térreo, Sala CEP
Bairro: Renascença **CEP:** 65.075-441
UF: MA **Município:** SAO LUIS
Telefone: (98)4009-7074

E-mail: cep@undb.edu.br

UNIDADE DE ENSINO
SUPERIOR DOM BOSCO -
UNDB



Continuação do Parecer: 7.480.478

participação nas atividades do grupo e implementação de diversas mudanças na própria vida até alcançar o batismo (Silva, 2010). Posteriormente, é possível ingressar em uma série de posições hierárquicas com seus determinados status no meio religioso. O alcance de tais posições não se dá sem os devidos critérios, que se aprofundam à medida que crescem. Assim, é necessária uma estrita vigilância sobre a própria conduta (Barra, 2008). Essa vigilância é também externa, exercida de perto pelos líderes e todos os outros membros, no sentido de cuidadosamente adequar todos às condutas esperadas. Mediante condutas indesejadas há repreensão e/ou cortes de privilégios, repercutindo de maneira negativa na imagem da pessoa perante a comunidade religiosa, já que todas essas medidas são anunciadas diante de todos os membros. Assim, regras claras de conduta devem ser intimamente observadas pela pessoa e pelas demais, estabelecendo-se uma forma de controle que condiciona o comportamento de todos às diretrizes repassadas pela religião (Silva, 2010). Toda essa formação de grupo ocorre de maneira a tentar se apartar da cultura na qual está inserida, seja ela qual for, dado que a religião se faz presente em diversos países (Org, 2024). A orientação aos membros, em suas publicações, é que se separem do mundo, ou seja, da sociedade. Pois o mundo que Jesus mencionou refere-se a toda a humanidade apartada de Deus, governada por Satanás e escravizada ao espírito egoísta e orgulhoso que se origina do Diabo (Mantenha-se, 2016, p. 50). Essas e outras orientações são repassadas

Endereço: Avenida Colares Moreira, nº 443, Prédio Norte, Térreo, Sala CEP

Bairro: Renascença

CEP: 65.075-441

UF: MA

Município: SÃO LUIS

Telefone: (98)4009-7074

E-mail: cep@undb.edu.br

UNIDADE DE ENSINO
SUPERIOR DOM BOSCO -
UNDB



Continuação do Parecer: 7.480.478

hierarquicamente até chegar aos fiéis da ponta, que as recebem como advindas dos intermediários de Deus (Silva, 2010). Essas informações contemplam todos os aspectos da vida cristã e seu conjunto é denominado alimento espiritual, que engloba tudo o que é publicado, orientado e/ou divulgado pelas lideranças: Jeová sempre usou um homem ou um grupo de homens para dar orientação ao seu povo.[...] Depois da morte de Jesus, os apóstolos e os anciãos em Jerusalém faziam isso. [...] O mesmo acontece hoje. Jeová usa um pequeno grupo de anciãos para dar alimento espiritual e cuidar da obra de pregação. Esse grupo é o Corpo Governante das Testemunhas de Jeová. Eles formam o escravo fiel e prudente, a quem o seu senhor [Jesus] encarregou para cuidar dessas responsabilidades (Seja, 2024, p. 225). Porém, para além dos aspectos destacados, pouco se conhece acerca da religião propriamente dita, de suas crenças norteadoras e, principalmente, do tratamento dado aos seus membros, as normas que são instituídas e o que ocorre diante da quebra de tais normas. Considerando o vultoso número de fiéis, já citado anteriormente, distribuídos por todo o globo é comum, assim como em outras denominações, o abandono da prática religiosa. Nesse sentido, o site oficial da região, jw.org, só apresenta dados gerais que permitem acompanhar o crescimento da religião, porém, não expõe a quantidade de adeptos que a deixam. Tais pessoas ainda que não sejam mencionadas, existem, a prova disso são as normas expressas em publicações e em discursos, e, conseqüentemente, orientações diretas sobre como tratar aqueles que são dissidentes: Como

Endereço: Avenida Colares Moreira, nº 443, Prédio Norte, Térreo, Sala CEP
Bairro: Renascença CEP: 65.075-441
UF: MA Município: SAO LUIS
Telefone: (98)4009-7074 E-mail: cep@undb.edu.br

UNIDADE DE ENSINO
SUPERIOR DOM BOSCO -
UNDB



Continuação do Parecer: 7.480.478

devemos

tratar uma pessoa desassociada? A Bíblia

diz: *“Pare de ter convivência com qualquer um que se chame irmão, mas que pratique imoralidade sexual, ou que seja ganancioso, idólatra,*

inuriador, bebedor ou extorsor, nem sequer comam com tal homem.” (1 Coríntios 5:11) Com respeito a qualquer pessoa que *“não permanece nos*

ensinamentos do Cristo,” lemos: *“Não o recebam na sua casa, nem o cumprimentem. Pois quem o cumprimenta participa das suas obras más.”* (2

João 9-11) Nós não nos associamos com desassociados, quer para atividades espirituais, quer sociais. A Sentinela de 15 de dezembro de 1981,

página 21, disse: *“Um simples ‘Oi’ dito a alguém pode ser o primeiro passo para uma conversa ou mesmo para amizade. Queremos dar este*

primeiro passo com alguém desassociado?” (Associação Torres de Vigia de Bíblia e Tratados, 2016, p. 207). Falar em dissidência é contemplar

aqueles que de alguma maneira divergem e são expulsos, assim como aqueles que saem espontaneamente. Aqui há uma diferenciação

considerada no âmbito da religião, aplicada aos fiéis batizados, resultando em uma classificação que explica a condição de cada tipo de

afastamento, a saber: inativos são os membros que interromperam suas atividades cristãs, sendo a principal nesse quesito, a pregação; a

desassociação onde o membro passa por um processo interno de apuração da conduta e é expulso ao final; e, por fim, a dissociação, que mediante

iniciativa pessoal a pessoa se aparta da religião. Nos dois últimos casos, um anúncio público é dado ao

Endereço: Avenida Colares Moreira, nº 443, Prédio Norte, Térreo, Sala CEP

Bairro: Renascença

CEP: 65.075-441

UF: MA

Município: SAO LUIS

Telefone: (98)4009-7074

E-mail: cep@undb.edu.br

UNIDADE DE ENSINO
SUPERIOR DOM BOSCO -
UNDB



Continuação do Parecer: 7.480.478

grupo local do qual a pessoa fazia parte, informando que a pessoa não é mais uma Testemunha de Jeová, a partir disso, se instala um novo comportamento em relação à pessoa (Silva, 2010). Os impactos desse tratamento são sentidos não apenas no âmbito religioso. Pois com o grupo se estabeleceu relações por anos a fio, em detrimento das relações sociais externas, como as com familiares, vizinhos, colegas de escola, de trabalho e outros, visto que não eram consideradas *boas companhias*, por representarem risco de rompimento da manutenção da conduta priorizada pela religião. Os familiares que permanecem na religião mantêm com o dissidente uma relação que se resume ao *estritamente necessário*, como forma de fazê-lo mudar de ideia. A convivência e relações próximas, inclusive nos relacionamentos amorosos, devem se dar apenas com quem compartilha a *mesma fé*, a orientação é se manter *separados* do sistema perverso em que vivemos e procurar, entre nossos milhões de irmãos, amigos, *rejeitando* *entretenimento impuro* e as *más associações* que *estragam hábitos úteis* (Mantenha-se, 2016, p 24 - 28). Todo esse rompimento, seja a nível dos membros, seja com os familiares que permaneceram no grupo, não ocorre sem repercussões para o sujeito que se encontrava restrito a tais laços e formas específicas de interação. Nesse sentido, no site JW.Org é possível encontrar um boletim de março 2024, na sessão notícias, que informa dificuldades enfrentadas pelo grupo religioso na Noruega, uma vez que o governo do país cancelou a registro nacional da religião, em virtude da recusa do grupo em conviver com ex-membros. Sem essa

Endereço: Avenida Colares Moreira, nº 443, Prédio Norte, Térreo, Sala CEP

Bairro: Renascença

CEP: 65.075-441

UF: MA

Município: SAO LUIS

Telefone: (98)4009-7074

E-mail: cep@undb.edu.br

UNIDADE DE ENSINO
SUPERIOR DOM BOSCO -
UNDB



Continuação do Parecer: 7.480.478

licença

perderam-se alguns direitos, como o de oficializar uma cerimônia de casamento e, principalmente, a ajuda financeira e demais benefícios concedidos às demais religiões. Recentemente, é possível pontuar algumas mudanças nas diretrizes da organização religiosa, a nível mundial, no entanto, com restrições, expostas na revista A Sentinela, Edição de estudo de agosto de 2024 (p. 27) passa a denominar os desassociados de removidos. O tratamento pela congregação é colocado da seguinte forma: [...] não significa que vamos ignorar completamente uma pessoa que foi removida da congregação. É claro que não vamos nos associar com ela. Mas cada cristão pode usar sua consciência treinada pela Bíblia para decidir se vai convidar alguém que foi removido da congregação para assistir a uma reunião e talvez um parente ou alguém que era um amigo próximo. E se a pessoa for na reunião? Antes, a gente nem a cumprimentava. Mas agora cada cristão deve usar sua consciência para decidir o que fazer nesse caso. Alguns talvez queiram cumprimentá-la ou dar as boas-vindas. Claro que isso não inclui ter longas conversas ou se socializar com essa pessoa. (Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2024, p. 31) No entanto, tal tratamento é seletivo. De acordo com as novas crenças e postura professadas pelo removido: Alguns talvez se perguntem: 'Mas a Bíblia não diz que quem cumprimenta um pecador participa das suas obras más?' e (Leia 2 João 9-11.) O contexto de 2 João 9-11 mostra que isso se aplica a quem é apóstata e outros que promovem ativamente conduta errada. (Apo. 2:20) Por isso, se

Endereço: Avenida Colares Moreira, nº 443, Prédio Norte, Térreo, Sala CEP
Bairro: Renascença CEP: 65.075-441
UF: MA Município: SAO LUIS
Telefone: (98)4009-7074 E-mail: cep@undb.edu.br

UNIDADE DE ENSINO
SUPERIOR DOM BOSCO -
UNDB



Continuação do Parecer: 7.480.478

uma pessoa está promovendo ativamente ensinamentos apóstatas ou conduta errada, os anciãos não vão visitá-la. Mesmo assim, ainda existe esperança que ela se arrependa e mude de atitude. Mas, até isso acontecer, não vamos cumprimentar essa pessoa nem convidá-la para assistir às reuniões.

.(Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2024, p. 31). Logo, há um padrão de ruptura, com posturas mais fortes e inflexíveis antes dessas recentes orientações da religião. O que resultou, para além da quebra das relações afetivas e dos padrões dessas convivências, consequências sofridas mediante o tratamento recebido até então. Há também o rompimento com a forma de organização da configuração de vida, de crenças, valores e das ações instituídas a partir de tais decisões. Havia uma forte identidade que estruturava a vida, até então, havia à sua disposição material impresso e pessoas que poderiam dar respostas prontas a qualquer questão da vida, regras claras sobre o que fazer (Silva, 2010). Para além da quebra das relações afetivas e dos padrões dessas convivências, assim como as consequências sofridas mediante o novo tratamento, há também o rompimento com a forma de organização da configuração de vida, de crenças, valores e das ações instituídas a partir de tais decisões. Havia uma forte identidade que estruturava a vida, até então, havia à sua disposição material impresso e pessoas que poderiam dar respostas prontas a qualquer questão da vida, regras claras sobre o que fazer (Silva, 2010). Considerando-se que os grupos constituem um fenômeno

Endereço: Avenida Colares Moreira, nº 443, Prédio Norte, Térreo, Sala CEP
Bairro: Renascença CEP: 65.075-441
UF: MA Município: SAO LUIS
Telefone: (98)4009-7074 E-mail: cep@undb.edu.br

UNIDADE DE ENSINO
SUPERIOR DOM BOSCO -
UNDB



Continuação do Parecer: 7.480.478

fundamental na vida social dos indivíduos (Torres; Camino; Silva, 2023). No ponto de rompimento, o sujeito encontra-se diante do novo, da liberdade de ter de escolher, de buscar as próprias respostas por conta própria em um mundo que até então era concebido como hostil, perigoso, apartado de Deus, sem valores e oposto a todo o conjunto de crenças abandonado. Nesse ponto, a sua identidade já não corresponde mais ao que ele dava como próprio de si, gerando diversos conflitos (Barra, 2008). Diante do contexto apresentado, surge a seguinte questão: Quais os impactos psicossociais do rompimento com a crenças religiosas, e consequentemente com o grupo, na vida de ex-membros das Testemunhas de Jeová?

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender os impactos psicossociais do rompimento com a crenças religiosas, e consequentemente com o grupo, na vida de ex-membros das Testemunhas de Jeová.

Objetivo Secundário:

1 Descrever as principais crenças das Testemunhas e Jeová e suas implicações na vida dos seus membros.
2

Explorar os fatores que levam ao

rompimento com o grupo religioso.3 Examinar os impactos sociais e emocionais decorrentes do afastamento das Testemunhas de Jeová.4

Analisar as estratégias utilizadas pelos ex-membros para reorganizarem suas vidas após o rompimento com as Testemunhas de Jeová.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Endereço: Avenida Colares Moreira, nº 443, Prédio Norte, Térreo, Sala CEP
Bairro: Renascença CEP: 65.075-441
UF: MA Município: SAO LUIS
Telefone: (98)4009-7074 E-mail: cep@undb.edu.br

UNIDADE DE ENSINO
SUPERIOR DOM BOSCO -
UNDB



Continuação do Parecer: 7.480.478

A participação na pesquisa poderá causar riscos como o de dano emocional e/ou psíquico, diante do fato de lembrar e relatar experiências, ainda que de maneira breve, aspectos da vida que podem trazer sofrimento como ansiedade, angústia, sentimento de desamparo. E reações emocionais mais pontuais e passageiras como, raiva, nostalgia, medo, tristeza, dentre outros, de acordo com as representações que o participante tenha da experiência relatada. Emoções e sentimentos já citadas, se ocorrerem de forma muito intensa e diante de quadro(s) psicopatológico(s) já preexistente(s), pode contribuir para piora, principalmente, nos casos sem os devidos acompanhamentos. Como forma de minimizar tais danos, as perguntas foram elaboradas em um formato mais aberto, buscando não adentrar diretamente em questões mais pessoais, o que permite ao participante, dosar de acordo com a sua capacidade, o quanto se aprofundará ou não, ou mesmo encerrar a participação a qualquer momento. Mas caso ocorram, há a disponibilização de escuta psicológica através de teleatendimento por parte da responsável pela pesquisa, e se necessário, as devidas orientações e encaminhamentos para atendimento psicológico adequado à demanda apresentada através da Rede de Saúde Mental de onde o participante resida ou outros serviços de apoio e cuidado psicológico.

Benefícios:

O compartilhamento de suas vivências e o uso destas para a produção de conhecimento pode se constituir um forte fator de reconhecimento do sentimento de ser escutado nas suas experiências, valorização pessoal e de sua experiência de vida através da contribuição para a construção de um saber novo, que permitirá reconhecer os impactos sobre pessoas que passaram por situações semelhante e, conseqüentemente, ofertar melhores formas de cuidado para tais pessoas. Assim como pode proporcionar ao participante o autoconhecimento, ao refletir sobre a sua trajetória de vida, suas decisões e aprendizados, o que pode contribuir para o fortalecimento da identidade ao reafirmar seus valores e crenças atuais, bem como para identificação de demandas pessoais, como a necessidade de terapia e/ou de outros cuidados e/ou ações que ajudem no desenvolvimento pessoal.

Endereço: Avenida Colares Moreira, nº 443, Prédio Norte, Térreo, Sala CEP

Bairro: Renascença

CEP: 65.075-441

UF: MA

Município: SAO LUIS

Telefone: (98)4009-7074

E-mail: oep@undb.edu.br

**UNIDADE DE ENSINO
SUPERIOR DOM BOSCO -
UNDB**



Continuação do Parecer: 7.480.478

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Estudo nacional e unicêntrico, qualitativo, realizado através de pesquisa de campo utilizando questionários. Caráter acadêmico, realizado para obtenção do título de Psicólogo. Patrocinador: financiamento próprio. País de origem: Brasil. Número de participantes incluídos no Brasil e no mundo: 10. Previsão de início em abril de 2025 encerramento do estudo em junho de 2025.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

São apresentados os documentos "Folha de Rosto", "Projeto Detalhado", "Informações Básicas do Projeto", "TCLE", "Orçamento", "Cronograma", "Roteiro de entrevista" e "Carta Resposta"

Para análise ética e pendências vide o item Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

TCLE:

- Remover a frase "Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa." pois pode denotar coação ou apelo à participação.

Análise: Atendida.

- Remover a frase "Não receberá cópia deste termo, mas apenas uma via."

Análise: Atendida.

- Não informa que todas as páginas deverão ser rubricadas pelo pesquisador responsável/pessoa por ele delegada e pelo participante/responsável legal, de acordo com Resolução CNS no 466 de 2012, item IV.5.d;

Análise: Atendida.

Projeto de Pesquisa:

- Não apresenta a descrição, em linguagem clara e acessível dos possíveis desconfortos e riscos decorrentes da participação na pesquisa, sem subestimá-los, bem como as providências e as cautelas que serão adotadas para minimizá-los, de acordo com a Norma Operacional CNS no 001 de 2013, item 3.4.1.12.

Análise: Atendida.

- Não apresenta os benefícios da pesquisa aos participantes de pesquisa, de acordo com a

Endereço: Avenida Colares Moreira, nº 443, Prédio Norte, Térreo, Sala CEP

Bairro: Renascença

CEP: 65.075-441

UF: MA

Município: SAO LUIS

Telefone: (98)4009-7074

E-mail: cep@undb.edu.br

**UNIDADE DE ENSINO
SUPERIOR DOM BOSCO -
UNDB**



Continuação do Parecer: 7.480.478

Norma Operacional CNS no 001 de 2013, item 3.4.1.12.

Análise: Atendida.

- Os riscos e benefícios apresentados no projeto devem estar condizentes com os presentes no TCLE e no documento "Informações básicas do projeto"

Análise: Atendida.

Documentação:

- Além de constar no projeto o "Orçamento" deve ser anexado como documento em separado.
- Além de constar no projeto o "Cronograma" deve ser anexado como documento em separado.
- Além de constar no projeto o "Roteiro de entrevista" deve ser anexado como documento em separado.

Análise: Atendida.

Considerações Finais a critério do CEP:

Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar relatórios parciais e final da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo *relatório* para que sejam devidamente apreciadas no CEP, conforme Resolução 466/2012 do CONEP, item XI.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2487640.pdf	06/03/2025 08:34:41		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Fernanda.pdf	06/03/2025 08:33:26	Lidiane Verônica Collares da Silva	Aceito
Outros	ENTREVISTA.pdf	06/03/2025 08:31:45	Lidiane Verônica Collares da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_atualizado.pdf	06/03/2025 08:29:44	Lidiane Verônica Collares da Silva	Aceito
Declaração de Pesquisadores	CARTA_RESPOSTA.pdf	06/03/2025 08:28:50	Lidiane Verônica Collares da Silva	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	06/03/2025	Lidiane Verônica	Aceito

Endereço: Avenida Colares Moreira, nº 443, Prédio Norte, Térreo, Sala CEP

Bairro: Renascença CEP: 65.075-441

UF: MA Município: SAO LUIS

Telefone: (98)4009-7074

E-mail: cep@undb.edu.br

UNIDADE DE ENSINO
SUPERIOR DOM BOSCO -
UNDB



Continuação do Parecer: 7.480.478

Orçamento	ORCAMENTO.pdf	08:28:21	Collares da Silva	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	06/03/2025 08:26:07	Lidiane Verônica Collares da Silva	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_ CEP_7416235.pdf	06/03/2025 08:25:43	Lidiane Verônica Collares da Silva	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinado.pdf	24/01/2025 18:10:16	Lidiane Verônica Collares da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoTCCFernanda.pdf	19/01/2025 21:11:06	Lidiane Verônica Collares da Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO LUIS, 01 de Abril de 2025

Assinado por:

Johnny Ramos do Nascimento
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Colares Moreira, nº 443, Prédio Norte, Térreo, Sala CEP
Bairro: Renascença CEP: 65.075-441
UF: MA Município: SAO LUIS
Telefone: (98)4009-7074 E-mail: cep@undb.edu.br